ANNO VI N. 280
RIO DE JANEIRO, 8 DE JULHO DE 1931
Preço para todo o Brasil 1$000

MARION DAVIES

CINEARTE

JOAN MARSH
CINEARTE

Cinearte

COMEÇOU a ser exhibida esta semana a ultima producção cinematographica de Charles Chaplin e a julgar pelos primeiros dias e pelas impressões da gente que sabe ver film, *Luzes da Cidade* obterá no Rio de Janeiro como nos outros grandes centros de cultura brasileira o mesmo exito triumphal que conquistou em todo o orbe. E não é, entretanto, um film falado.

Aproveitou o comico genial do som o que lhe pareceu elemento de valia para augmentar o grotesco de certas situações e a musica, colhida aqui, ali e além para acompanhar o desenvolvimento da acção. Mais nada.

Nem uma palavra, apesar da concisão e pequeno numero das legendas.

A acção, porém, decorre tão logicamente, tão claramente, tão naturalmente que ninguem sente a falta das legendas de dez metros e muito menos de dialogos em que as palavras não combinam com o movimento dos labios.

O successo artistico corresponderá entre nós, como em toda parte, ao successo de bilheteria, pondo de cara á banda quantos affirmavam que só os films dialogados seriam agora supportados pelo publico.

O meio termo de Carlito, o som simples auxiliar e assim mesmo utilisado com a maior discreção é o que ha de ficar, aparados todos os excessos da actual producção.

Quando Carlito se insurgiu contra o film falado, não faltou quem lhe prognosticasse o eclypse total como artista e como productor.

Luzes da Cidade é a sua victoriosa resposta.

Com esse film os ultimos e obstinados detractores do artista inglez, dos que o classificaram com o simples *clown*, hão de se convencer naturalmente do erro em que laboraram e farão justiça ao comico que, depois de uma viagem triumphal por toda a Europa, mereceu do governo francez, naturalmente por ser considerado mais do que um simples *clown*, a fita da Legião de Honra.

De facto, mais do que em seus trabalhos anteriores, alguns delles verdadeiramente notaveis, esse film de Carlito Carlito expõe entre risos e situações grottescas um quadrinho da tragedia humana de todos os dias, essa tragedia obscura que nem a todos é dado observar.

Nós somos dos que primeiro sentiram o temperamento artistico de Carlito e isso mesmo buscamos transmittir aos nossos leitores.

Inutilmente, por muito tempo, porque grande o numero dos cegos, conforme confessam os Evangelhos.

Já agora o numero dos crentes no valor de Carlito constitue legião.

E essa legião virá a se multiplicar com *Luzes da Cidade*, que é uma pura obra prima de cinematographia.

JEAN HARLOW, A CLARA BOW LOURA...

Martha Torá, irmã de Lia, mais conhecida, porém, como uma das interpretes principaes de "Barro Humano" visitou o Cinédia Studio para matar saudades dos bons tempos passados entre algumas montagens, horas de sacrificio e de luta mas alegres e onde sempre impéra a animação o enthusiasmo e o capricho de pessoas que no Brasil tambem se faz Cinema, quer queiram ou não. Na photographia vê-se Martha que foi acompanhada de sua vôvôzinha Padrineta, Carmen Violeta, Augusta Guimarães, Adhemar Gonzaga, Humberto Mauro, Octavio Mendes, Ernani Augusto e Carlos Eugenio.

"Mulher...", o film perfumado e insinuantt como o titulo... O film-seducção, embriagante e intimo... O film dos ambientes variadissimos, cheios de luxo e riqueza. "Mulher...", a producção dos ambientes mais elegantes e das "toilettes" mais "chics", apresentadas até hoje num film da Cinédia. Está sendo tratado com um carinho especial e por isto será sem duvida o film mais completo e mais seductor que o Cinema Brasileiro vae dar ao publico.

"Mulher...", o romance de uma alma amargurada de mulher... tambem tem o seu argumento que aliás é profundamente vibrante, forte que prende e empolga. Um argumento emfim para aquelles que se queixam de tal, nos films brasileiros...

Em "Mulher...", as sequencias vão-se avolumando umas sobre as outras, fortes, impressionantes, bonitas e inesqueciveis, até o final, mais bonito ainda.

"Mulher..." não será um primor sómente em interiores. Os seus exteriores e paysagens cortados habilmente pela Mitchell, são lindos e felizes. A direcção de Octavio Mendes tudo cuidou, tudo regeu. Mendes, o joven director que tanto promette é tambem o autor do scenario do film. Elle deu á "Mulher..." um tratamento cuidadissimo e os detalhes que enchem o film são os mais expressivos e bonitos.

Para que nenhum attributo falte á "Mulher..." tão cheia de predicados dos melhores, ainda ha uma photographia das mais perfeitas e modernas, acompanhando bem o espirito de todas as scenas. E tambem uma cuidada e escolhida synchronisação, e sequencias faladas em brasileiro, legitimo brasileiro, pelos interpretes do film.

"Mulher..." que promette ser technicamente perfeita e artisticamente admiravel, já está quasi terminada. Na semana passada, em algumas montagens interessantes, num dos palcos do Cinédia Studio, Octavio Mendes ultimou a filmagem das scenas terminantes do film, scenas estas em que entraram novos artistas, novos nomes á mais para o numero já brilhante que possue o elenco. São elles Augusta Guimarães que trabolhou em "Labios sem beijos". Manoel Araujo o decano dos artistas brasileiros. E Alfredo Rosario, o "titio", de "Labios sem beijos", tambem.

"Mulher..." será quasi um "Cinédia Parade", devido á seu magnifico elenco. Chefiado por Carmen Violeta a fascinação artistica do film. E por Celso Montenegro, cheio de distincção romanesca. O elenco tem ainda os nomes quasi todos conhecidos e queridos, já, de Ruth Gentil Alda Rios, Gina Cavallieri, Leda Lea, Antonieta Olga, Nina Mariana, Yolanda Rosa, na parte feminina, trajando vestidos lindos e elegantes que serão uma sensação e augmentam o encanto de suas donas. Na parte masculina estão Milton Marinho, Luiz Sorôa, Carlos Eugenio, Ernani Augusto, Maximo Serrano, Falvio Lins, Ivan Villar, Mario Moreno, Carlos Romano, Paulo Marra e até Humberto Mauro num curioso e interessante papel.

Como vêm um elenco que fascina. E todos adaptados em papeis dos mais humanos e interessantes.

"Mulher..." vae divertir, vae interessar, vae prender, vae fazer pensar... "Mulher..." tem predicados para agradar á todos. Tem muito de Cinema puro, e muito para satisfazer tambem á bilheteria...

"Mulher...", capitosa como champagne... intima como uma carta de amor... seductora e irresistivel como seu proprio nome: MULHER...

\+ + +

Todos os que viram "Barro Humano", não puderam deixar de apreciar a "mãesinha", o sentimento do film -- Martha Torá. Martha visitou um dia destes o Cinédia Studio. Percorrendo-o e admirando suas installações, teve ella occasião de referir-se enthusiasmada á quanto tem progredido o Cinema Brasileiro. Comparando o conforto com que se trabalha hoje na Cinédia, á filmagem de "Barro Humano" que não possuia esta facilidade, já mais adeantada, para trabalho, Martha observou como caminha rapido o nosso Cinema para a perfeição e o successo.

Assistindo depois á filmagem de uma scena de "Mulher...", na qual Octavio Mendes dirigia Carmen Violeta, Augusto Guimarães, Humberto Mauro, e Martha em conversa com os artistas, recordou-se saudosa dos seus tempos de trabalho, em "Barro Humano", quando lutavam enthusiasmados, notando que o mesmo enthusiasmo e boa vontade não abandonou ainda, mas continua sempre firme, entre os artistas, e directores da Cinedia.

Alberto Vidal productor do film "Anchieta entre o amor e a religião".

CINEMA

Irene Rudner e Reid Valentino numa scena do "O Campeão"

Para ser artista de Cinema, muitos pensam, é preciso ser uma figura excepcional. Não, não é assim. Em geral todo o mundo é artista. Todos são bons typos. O necessario é que encontrem um papel adequado á sua figura. E' o essencial.

A Cinédia vae entrar agora num periodo de franca producção. E precisará, sem duvida, de typos novos e variados. E ella tem recebido, mesmo, innumeras cartas de candidatos que apresentam-se por meio de photographias. E ella, por nosso intermedio, deseja dizer á todos estes candidatos o seguinte: Todo aquelle que quizer ingressar no Cinema Brasileiro deve enviar a photographia, acompanhada do nome e endereço bem legiveis. Depois ter calma, na espera de sua opportunidade. Serão preferidos os candidatos que residam aqui mesmo no Rio, ou perto delle. Estes serão os mais favorecidos, e poderão figurar nos films, se não em papeis importantes, ao menos como extras ou figurantes, que é o primeiro degrau para a escada da fama, e do successo na carreira. Os candidatos do interior serão prejudicados pela distancia e pelas difficuldades de locomoção. Mesmo sendo typos aproveitaveis. A Cinédia só irá buscar um candidato no interior, sendo elle um typo formidavel para o papel considerado. Mas ella repete, vae precisar de innumeros typos novos, por isto os "fans" e todos aquelles que desejam entrar para o Cinema, têm agora uma opportunidade em vista, e enviem, pois, seus retratos. As photographias devem ser enviadas ao Studio da Cinédia, Rua Abilio, 26, S Christovão, Rio.

\+ + +

Ha tempos, Guilherme de Almeida declarou que o Cinema do Brasil era simplesmente uma questão de Gillete... Referia-se ao film brasileiro "Morphina", e naturalmente a allusão não podia ser senão á barba de Madrigano, no mesmo film. E neste caso aliás a Gillete seria innutil e desnecessaria, pois tratava-se de uma barba postiça... O interessantissimo escriptor da Academia que descrê do nosso Cinema

DO BRASIL

mas em suas chronicas certas vezes elogia films brasileiros que não são as nossas melhores e apresentaveis producções, publicou a chronica que transcrevemos á seguir:

"SINCERIDADE. — Meu tão querido quanto desconhecido J. P. — O excellente papel em que Você me escreve — uma dessas folhas portuguezas, do Porto, rica como as pratas dessa cidade e rustica como os santeiros desse mesmo Porto — vae provocar em mim um acontecimento inédito e surprehendeante: vae obrigar-me a ser sincero uma vez na minha vida.

Pergunta-me essa sua carta: — "Você acredita no cinema nacional?" Quer dizer: essa sua carta, tocando-me a fibra patriotica, não póde deixar de fazel-a vibrar como a corda de um "banjolele". E essa vibração não póde ser senão legitima, isto é, sincera.

Respondo: — Acredito, sim. Eu acredito, em tudo o que possa ser nacional. Até mesmo no jambo e no cambucá, que, até ha pouco, eu pensava serem literarias, imagens poeticas, ficções necessarias para dar côr local aos mimosos romances de Macedo; até mesmo nessas frutinhas eu acabei acreditando passivamente. Acreditei á tôa, por causa do calor, no Rio de Janeiro. O calor deixa a gente sem vontade de discutir, nem de duvidar. Eu estava sentado a uma pequena mesa de ferro pintado, na calçada de mosaico de uma casa chamada "A Sympathia", na Avenida Rio Branco; um amigo pediu, para si, um refresco de jambo e, para mim, não sei porque, um de cambucá. Provei a droga desgraçada: tinha um gosto bestial de floresta virgem e de festinhas familiares em Paquetá. O meu companheiro explicou com firmeza:

— Beba! E' succo de cambucá. Muito bom!

E abanou-se, com força, com uma ventarola de palha.

— Este é jambo. Uma delicia!

E revirou para uma mulata, que passava, os seus olhos de alcôva.

Acreditei incontinenti na existencia do jambo e do cambucá. Acreditei com uma facilidade suave e commovente.

Ora, meu bom J. P., a sua pergunta teve a felicidade de me encontrar num dia derretito de calor — o enlambuzado dia de antehontem — completamente incapaz, portanto, de discordar de quem quer que seja, sobre o que quer que seja. Acredito, meu amigo; nativamente acredito no cinema nacional. Mas, uma coisa eu lhe peço: não me faça provar isso, como o amigo da "A Sympathia", do Rio! Acredito "a priori", mansamente, sem pestanejar, sem precisar vêr para crêr. Seu, de sempre, — G."

E' curioso... Mas mais curioso ainda se torna para nós que vimos o film brasileiro "A's Armas!" e no mesmo os letreiros feitos por Guilherme de Almeida. E' é bem o caso de se responder: — Não prove cambucá nem nenhum outro refresco brasileiro, amigo Guilherme. Mas também faça-nos o grande obsequio de não estragal-o com as suas dóses de sal.

Lygia Sarmento e Nilo Fortes em "Alvorada de Gloria".

Alexandre Wulfes e Libero Luxardo, operador e director, productores do film "Aurora do Amôr".

Tarde de outomno, numa floresta da Bohemia. A brisa sopra pelas aleas umbrosas, e cicia apaixonada, segredos ás folhas das arvores. As flores trescalam perfumes exquisitos. Os carvalhos sombrios farfalham. As folhas amarellecidas, cahem suavemente. A bruma violacea do crepusculo vae envolvendo vagarosamente as silhuetas tristes dos salgueiros... E o vento branto continua sua corrida pelas aleas umbrosas, e o seu murmurio secreto ás folhas das arvores...

E' na calma penetrante deste crepusculo outomnal, leve e ondulante, desceu lentamente á clareira cheia de claridades e sombras vacillantes, o genio da floresta — uma fada etherea, vaporosa e linda. Ella traz espelhada nos olhos claros, toda a dor que lhe dilacera o intimo, e que seu poder magico é impotente para destruir. Ella soffre, e não ha lenitivo para esta agonia que lhe fere o coração, que o despedaça e aniquilla.

O fino crescente da lua, vem surgindo por entre os fustes esguios dos pinheiros, e beijando a terra com seus raios argentos. E lá de baixo, do prado vizinho, cinzento pelo crepusculo agonisante, com claridades tremulas das fogueiras de um acampamento cigano, sons doces e embriagantes vem beijando o espaço...

Ruth Gentil é tambem uma das figuras "chics" do nosso Cinema e como todos os interpretes de "Mulher" da Cinédia.

A Canção

Em volta das fogueiras, tinem as guitarras, os pandeiros, os cymbalos, cantando as notas plangentes e seductoras de uma melodia cigana. Sobresahindo-se porém, sonoro e unico, está o gemido electrisante do violino. E as notas leves da canção, espalhando-se pelo ar, impregnam-o de seus sons languidos, calidos e bonitos, mas doloridos...

E estes sons bizarros da serenata cigana, subiram até a alma da fada da floresta. Ella ouviu-os e estremeceu...

O arco do violino ferindo sua propria alma, na melodia feiticeira, accorda-a, fremente de dor e saudade, fal-a chorar, gemer, soluçar, queixar-se, gritar, rir, delirar...

A canção cigana, a alma despertada pelo violino, que geme um mundo de sentimentos... Juras languidas de amor e paixão. Queixumes vibrantes de saudade e dor... Alegria mesclada em tristeza e melancolia... E a melodia soluça, ora revoltada, feroz e cheia de odio. Ora submissa, meiga e cheia de carinhos de amor... A melodia que prende, fascina, irresistivel, inebriante com sua magia cruel, sua tristeza e sua formusura bizarra... E' a melodia cigana que o violino geme...

... e foi ferir mais rudemente ainda a alma da fada, já angustiada. Ella não a quiz ouvir. Fez-se possessa, irada. Mas subitamente serenou. No azul de seus olhos, porém, brilhava uma decisão terrivel, mais sinistra ainda do que a agonia que lhe devorava o coração. E chamando á si, todo o poder magico que ainda possuia, a loura e diaphana fada murmurou:

— "Esta musica diabolica, que vem consumir minha alma, augmentando a sua dor, conheço-a bem, é obra da bruxa minha inimiga. Envia-me mais este soffrimento, este desespero, na figura de divertimento destes bohemios nomades. Mas poder para vingar-me ainda tenho! Esta canção cigana, que vem augmentar a ferida de minha alma, materialisal-a-hei em mulher!...

E a fada creou uma extranha mulher... Deu-lhe um corpo esguio e rythmico de lyrio com linhas harmoniosas, e uma esbelteza heraldica. Deu á pelle tostada do rosto, uma pallidez de alvorada, e poz nelle a belleza exquisita, melancolica que possue a musica... Fez de sangue seus labios lindos, e deu-lhe um sorriso, que é a vontade ebria de viver, nunca conseguida porém, que a musica exprime...

Deu-lhe cabellos asperos e sensuaes. Fez seus olhos de agua parada, reflectindo a bruma violacea do crepusculo... Pingou absyntho na sua docura... Concentrou nelles, todo o poder suggestivo e inebriante da melodia, dando-lhe ainda o poder de reflectir sempre a alma...

Envolveu-a na embriaguez acre do perfume de rosas bulgaras... E continuando á materialisar em sua pessoa, tudo o que exprime a serenata cigana, vestiu-lhe um sudario de amargura voluptuosa e compassada... Accendeu-lhe no olhar uma pyra de seducção e sensualismo, abafada pelo espesso veu de saudade que os envolve... Enrolou toda ella na mantilha cigana de romance, mysterio e paixão...

Feito o physico da mulher, materialisação perfeita da canção com seus encantos magicos, a fada deu-lhe uma alma. Uma alma nova, ingenua, virgem. Alma-creança, immaculada com a sensibilidade vibratil de um violino...

Completa sua creação a fada mirou-a satisfeita. Depois, continuando sua vingança, traçou-lhe o destino em palavra

lentas, frias, terriveis... — Melodia que fiz mulher! Dei-te um physico com toda a belleza amarga da canção. E uma alma nova... Irás pelo mundo amargurando á todos com tua propria amargura, e ferindo á ti mesma, com ella. Irás pelo mundo e pela vida, afim de que registres todas as emoções e soffrimentos que como melodia, revelas tão embriagadoramente.

— Deves soffrer tudo o que como musica tão diabolicamente exprimes, e fazes soffrer á outrem. Amor, felicidade, paixão, amisade, dor, soffrimento, odio e muitos outros sentimentos ainda, serão sombras que invadirão teu intimo e em tua alma deixarão seus estigmas. E fugirão todos de ti... Só saudade, o veneno suave, ficará comtigo, alimentando uma esperança illusoria, para que continue tua jornada pela vida, até te extinguires. Odiarás a vida, mas será mendiga de suas dadivas enganadoras... E apesar do que sintas, cantarás sempre e teus labios sorrirão... A melodia é assim...

Viverás até calcares-te por tudo teres soffrido. Por teres sentido bem, os romances de amargura e belleza que como serenata cigana, cantas... Só então voltaras a ser canção...

A fada loura e linda, de coração enlouquecido pela dor, perverso, parou. E sorrindo soprou-lhe a vida, dizendo-lhe em seguida:

Assim estarei bem vingada! Vae..

E a serenata cigana, corporificada na mulher bella, cantante e flexuosa, moveu-se lentamente, aspirou o ar com volupia, e foi... pela vida á fora, cumprindo o destino fatal e venenoso, traçado pela fada...

* * *

Esta extranha creatura de lenda, tornou-se Maruska Zaramba...

Maruska Zaramba é hoje Ruht Gentil!...

* * *

Ruth Gentil, uma estrella do Cinema Brasileiro cujo verdadeiro nome é Marusca Zaramba. Ella é a inspiração para esta fantasia. Ella tem em seu physico, sua historia, seus sentimentos, sua alma, tudo para suggestionar a fantasia mais exotica e bizarra. E esta acima, extravagante é verdade, vem muito á proposito, a respeito de Ruth Gentil. Tal é o halo de mysterio romantico que doura sua belleza exquisita de cigana...

Ninguem acredita em fadas. Nem nós acreditamos. Mas Ruth parece mesmo um sortilegio de fadas más, e tem mesmo toda a sublime e exquisita attração de uma musica cigana... E esta é a causa dessa lenda phantastica que narramos acima!

Ruth Gentil, uma das figuras de **Mulher**, tem uma belleza toda especial. E' um mixto curioso de Vilma Banky, Pola Negri, e Mary Duncan... Com um "quê" de saudade illuminando-lhe as feições bonitas, dando-lhe indefinivel expressão. Um perfil sereno de medalha. Um sorriso triste e alegre ao mesmo tempo. Uma voz macia, triste tambem, cheia e bonita. Sua pessoa emfim é tal como descrevemos acima, a creatura magica feita pela fada. Sem tirar nem pôr... Seus olhos sim, merecem uma descripção mais especial.

Olhos magneticos são os de Greta Garbo. Entorpecentes, os de Marlene Dietrich. Entoxicadores, os de Carmen Violeta. Os olhos de Ruth Gentil... são differentes. Ella não o é. Mas os olhos são. Seus olhos prendem, attrahem, emanando uma suavidade triste, uma luz calida, subtil, envolvente. Olhos grandes, expressivos, vagos, encantando dentro de longos cilios. Têm uma doçura amarga, exquisita, melancolica. Profundos. Olhos de velludo ou agua parada, como quizerem. As vezes cheios de cinzas... A's vezes cheios da melancolia morbida de um crepusculo...

São olhos emfim que não escondem o estado de sua alma. Choram prantos invisiveis, e convidam-nos a mergulhar na profundeza delles, e auscultar sua alma...

A alma de Ruth Gentil, Maruska Zaramba, vinda de tão longe, tão solitaria, tão triste... E' uma alma que deve ter provado bastante vezes o fel da vida. Que deve ter soffrido immensamente... Para Ruth Gentil, a vida deve ter sido a escola mais rude e a mais tremenda desillusão. A vida com todos os seus matadores. Quero dizer (desculpem-nos) com o amor, os homens etc. etc. Tudo para Ruth tem sido uma desillusão sobre a outra, a cada qual mais rude e brutal.

Dizem que não vive quem não tenha tido na vida uma desillusão ou uma saudade. Se assim é, Ruth Gentil deve então ter vivido muitas vidas...

Ella deve ser mesmo a creatura que sempre viveu de esperanças, sempre porém encontrando desillusões em seu caminho, e ficando sómente com a saudade do que passou ..

Por isto é triste, melancolica, desilludida, suavemente abatida. Dá a impressão de viver num eterno exilamento de si mesma, numa amarga nostalgia...

Ella é porém, uma pisada pela realidade da vida, e não querendo acreditar nella. Soffre e tenta combater este soffrimento e a adversidade. Por isto evoca lendas apaixonadas, exquisitas, absurdas...

Tanto como artista como mulher, Ruth tem uma personalidade unica, feita de melancolia e amargura. Espontaneamente tragica e vibrante. Seu temperamento tornou-se de natureza, triste... Não pensem por isto que Ruth seja uma creatura soturna e lacrimejante. Não! Ella tambem tem a sua vida. Só que adormecida num lethargo de melancolia e saudade...

Bem pode ser que esta lethargia invernal de espirito ainda passe, e Ruth torne-se uma creatura alegre. Talvez... Mas a lenda diz que não...

* * *

Ruth Gentil, que como dissemos, chama-se Maruska Zaramba, nasceu na Palonia (em Varsovia) á 26 de Agosto de 1900 e tanto. Viajou por varias partes da Europa, durante sua mocidade. Está ha 5 annos no Brasil, que adora. Entrou para o Cinema Brasileiro em S. Paulo, em 1929, e foi Malvina em **Escrava Isaura**, da Metropole. Logo depois embarcou para a Europa, á passeio. Voltou agora, ha poucos mezes, e foi convidada pela Cinédia para um importante papel em

(Termina no fim do numero).

Um dia, conseguindo dar um agudo que achava impossivel, tomou a violenta resolução: ser artista cantor, o restante da sua vida. Para chegar á realização do seu ideal, entretanto, passou por uma serie de episodios tremendamente difficeis até que conseguiu, afinal, ser o tenor afamado que todos nós ouvimos e applaudimos... (Aqui neste periodo entram, naturalmente, todos os factos de *hokum* que tambem conhecemos usuaes, nas biographias, nem se salvando o trecho em que elle se despede da sua Mary Carr, num assomo de film dirigido por Harry Millarde...)

DON

nada era possivel a um tenor. Muito menos á alguem que queria ingressar numa escola de aperfeiçoamento de voz gratuita.

Vendo que o pão, nos Estados Unidos, é duro de roer, deixou elle provisoriamente os seus ideaes de sons e entrou para uma officina mecanica, ferindo, nos teares e nas agulhas das machinas, as mãos delicadas que até então só tinham brandido lyras e harpas. Era o ultimo sacrificio do heroe deste conto medieval. Doze miseraveis *dollares* entre-

Ha pequenas que suspiram profundamente, longamente, quando vêm John Gilbert. Elle lhes lembra, no andar, no olhar, nas attitudes e na maneira de tomar em seus braços uma mulher, beijando-a, depois, alguem que nao e assim e ellas queriam que assim fosse... Ha outras que reviram os olhinhos malandros e poeticos num grande enlevo, apaixonado, quando é Ramon Novarro que a tela mostra, sympathico e doce como uma criança grande, vibrando uma guitarra de ouro e cantando com sua voz de mel uma canção para Dorothy Jordan, na qual ellas se imaginam, sonhadoras...

Ha algumas, não sabemos quantas, que gostam tambem de D. José Mojica, o tenor da opera de Chicago, o mexicano de cabellos crespinhos e olhar mestiço...

E' delle, sim, que nos vamos occupar um pouco.

Deu-se o seu primeiro agudo, isto é, o seu primeiro berro, na opera da vida, numa fazenda em Cerrito Colorado, chamada San Gabriel, em Jalisco, republica do Mexico. Era uma fazenda de assucar e, talvez por isso, José Mojica, o Don, como exigem as reclames, tenha crescido e ficado tão doce de gestos, tão amoroso de voz, tão melado de olhares. Uma confusão de assucares!

Tinha o menino seis annos, quando morreu seu pae. (E' fatal! Em qualquer biographia, quando o "cujo" chega á uma certa idade e ahi precisa haver qualquer cousa notavel, matam logo o pae...) Mudou-se elle, acompanhando mamãesinha querida, para Guadalajara, outra cidade Mexicana e ahi, então, ingressou elle para o Collegio Catholico Frances do Sagrado Coração de Jesus, de onde, terminado o curso, passou para a Escola Nacional.

Tempos depois, lembrando-se do assucar da sua fazenda de doces recordações, D. Josesito resolve ingressar para a Escola de Agricultura. Ahi já estava o nosso bebe taludinho, já raciocinava melhor e, por isso, começava a admirar a cultura das batatas, para, depois, ingressar para o theatro e, assim, não extranhar os cereaes que lhe atirassem as platéas enfurecidas com algum "agudo" um tanto ou quanto fóra dos preceitos da regra operatica...

Queria Josesito, com isso, augmentar as rendas que lhe deixára o pae e, embora agricultura nada tenha com arte e seja, mesmo, o lado opposto, começou o nosso valente heroe a sentir uma irrefreavel vontade de ser artista, de se exhibir, em publico, como autor de qualquer cousa de arte ou mesmo como artista, se preciso fosse.

Apaixonado pela pintura, iniciou elle, tambem, estudos musicaes. Dizem, tambem, alguns cavalheiros que merecem fé, que elle se ensaiou como literato, nessa idade ainda tão joven, escrevendo um poema que teve apenas extracção na sua gaveta particular, intitulado: "Nos meus doces annos do passado...". Um poema que começava na fazenda de assucar e terminava com a sua paixão pela caça ás borboletas, e outros *sports* igualmente assim violentos.

Onde primeiro exercitou a sua voz que acham de "ouro", aquelles que nunca lidaram com libras, foi num côro de igreja, fazendo daquillo mais uma distracção e uma devoção do que um ponto de partida para o seu fatal ponto de chegada. (Ao menos no final do artigo!).

Uma das revoluções Mexicanas (esta phrase é textual e traduzida ao pé da letra) perderam os Mojica a fazenda de S. Gabriel. O tenor da Chicago Civic Opera, entretanto, não desanimou. Arrumou os hombros fortes pela vida a dentro e, levando sua mamãezinha amorosamente reclinada ao seu peito de athleta dos sons, conseguiu vencer todas as difficuldades naturaes em todas as biographias que precisam ter interesse para os que as lêem.

Tendo em mãos os ultimos dinheiros da familia Mojica, despede-se Don Josesito da sua mãesinha querida e dirige-se a New York. Acabavam os Estados Unidos de entrarem na grande guerra e, assim,

gava-lhe um Fred Kohler qualquer, todas as semanas e elle, bom filho, naturalmente, enviava a metade dessa ninharia para matar a fome e a sêde da sua pobre mamãesinha...

Oito mezes depois, volta elle para o Mexico. Numa companhia, organisada por um tal Sigaldi, da qual faziam parte Polacco, como maestro regente da orchestra, Rosa Raisa, Lázaro e Edith Marson, consegue elle figurar como segundo tenor.

Era a victoria, afinal!!!

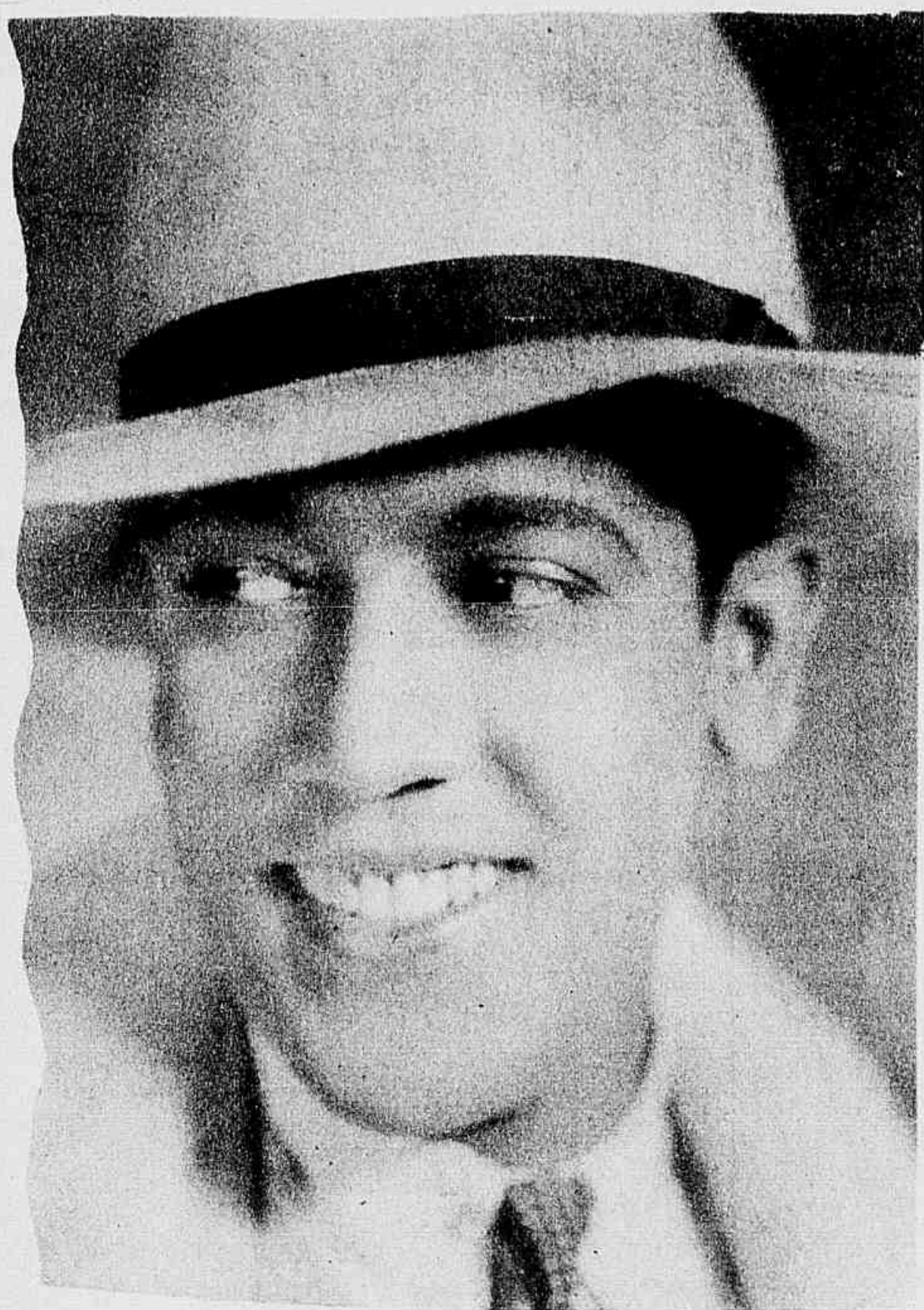
Parte com esse mesmo grupo para os Estados Unidos e, em Chicago, fazem ponto de parada para fazer

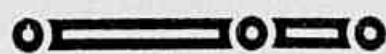
JOSÉ MOJICA...

uma rapida temporada. A sua primeira apparição valeu-lhe um contracto de cinco annos e elle começou, então, dentro do seu repertorio: "Le Pardon", de Ploermel, "Thais", de Massenet e, tendo como collegas, Amelita Galli Curci, Mary Garden e outras tantas respeitaveis matronas de grandes vozes e physicos.

Dahi para deante, tudo foi felicidade, tudo foi alegria. Mamãesinha veiu para Chicago e Josésito passou a ser rico. Automoveis, casas luxuosas e elle cada vez mais bomsinho e carinhoso com mamãesinha do que nunca.

Hollywood sentiu necessidade de ter Josésito ao seu lado. (Isto diz a chronica...) E elle, o moreno perturbador dos palcos de Chicago, resolveu arrumar as malas e partir o quanto antes, isto é, emquanto a Fox ainda tivesse, sobre os olhos, a catarata dos maus passos...

Chegado que foi, tomou logo parte em *O Preço de um Beijo* (El Precio de um Beso), onde fazia o papel de um Zorro de Cascadura, film esse que já assistimos e que revelou profunda arte comica no tenor Don José Mojica e, em seguida, o *Domador de Mulheres* (Ladron de Amor), mais uma gosada amostra do quanto elle vale.

Está filmando mais um argumento e ainda terá outros a filmar, com o tempo e depois certas temporadas que vae fazer pelo paiz todo.

Sua voz é innegavelmente admiravel. (Isto é sério!) Mas para ser ouvida em discos... Vendo-se o "autor", tem-se a impressão mesma que se tem quando se ouve uma melodia celestial e percebe-se o defeito do executante... Mojica é muito interessante, não ha duvida, mas é presumpçoso, convencido que até chega a arrepiar! E' muito melhor ouvir John Boles ou Ramon Novarro...

A Paramount contractou Berthold Viertel para dirigir o proximo film de Ruth Chatterton. Trata-se da novella de Leonard Merrick, *Laurels and the Lady*.

Gary Cooper e Carole Lombard figurarão, juntos, em *I Take This Woman*, da novella *Lost Ecstasy*, de Mary Roberts Rineharhart. Lester Vail, entre outros, figura no elenco.

Penrod and Sam, que a First National vae reeditar em forma falada, com Leon Janney no primeiro papel, terá Matt Moore como pae e Dorothy Peterson como mãe. Johnny Arthur terá um bom papel e a direcção cabe novamente a William Beaudine.

Max Reinhardt convidou Greta Garbo para tomar parte numa peça que pretende estrear no seu theatro ao ar livre, em Leopoldskron. Ella respondeu, acceitando, e declarando que passará suas férias parte nessa cidade, visitando, depois Vienna e Berlin.

A M. G. M., contractou Harry Lauder para cantar para *shorts* que vae fazer... Mau signal!

Divino peccado

(THE MAN WHO CAME BACK)

FILM DA FOX

CHARLES FARRELL . . . .Stephen Randolph
JANET GAYNOR . . . . .Angie
Kenneth Mac Kenna . . . .Capitão Trevelyan
Mary Forbes . . . . .Madame Gaynes
William Holden . . . . .Thomas Randolph
Ulrich Haupt . . . . .Charles Riesling
William Worthington . . . . . .Capitão Gallon
Peter Gawthorne . . . . .Griggs
Leslie Fenton . . . . .Bar-le-Duc.

Director: — RAOUL WALSH

— Estou louco por ti! Dize que me amas!!!

Stephen Randolph, filho do multimillionario Thomas Randolph chegou-se mais e mais da linda pequena, artista do "cabaret" local, de nome Angie, justamente no momento em que a "farra" tomava gigantescas proporções... Steve, cumprindo a promessa feita a seu pae, de tocar o apice da "farra", fazia-o, queimando, sem penna, *dollar* a *dollar* todos os cinco mil que lhe dera o pae num prodigo cheque.

A "farra" final teve surpresas. Steve viu-se envolvido em complicações e, completamente embriagado, casara-se com uma das infelizes que lhe haviam feito companhia e que, bebada tambem, acceitara-o como marido, talvez sem mesmo saber o que fazia...

Os jornaes, da cidade toda, noticiaram as peripecias da ultima aventura do filho do millionario Randolph e o rapaz, em perfeita lucidez, sentiu-se mais do que humilhado e envergonhado vendo, assim, pela maneira mais torpe, exposto e enxovalhado o nome honrado de sua familia. Para maiores garantias, o confidencial secretario do millionario, comprara a pequena e o casamento, portanto, pela importancia "pequenina" de vinte e cinco mil "dollares" e acabaria tudo muito bem, como sempre, se não fosse esse, justamente, o ultimo golpe que Randolph supportava de seu filho.

O rapaz, entretanto, não se emmendara. Proseguia nas suas investidas noturnas e, numa dellas é que se encontrara com Angie, uma pequena infeliz que, apezar de tudo, ainda conservava, daquella vida, a recordação de uma melhor felicidade. Naquelle momento, ella o olhava e, nos seus olhos, havia qualquer cousa de sincero que ia além de um vulgar amor de minutos.

— Acho que nunca comprehenderás o quanto eu te amo!

Disse-lhe ella, brandamente.

— A's vezes chego a temer este amor. Quando você pela primeira vez veio á este "cabaret", Steve, ha apenas algumas semanas que aqui estava. Não me sentia bem neste ambiente, confesso e a sua pessoa foi a unica cousa boa que já vi, aqui. Eu senti, juro-te, no primeiro momento, que eras differente, que eras outro. Você não tem os vicios dos outros homens, você não é impuro como esses que aqui veem e não sabem tocar sem malicia. Senti, ainda que não quizesse, que tudo quanto você precisava era de uma mulher que te amasse tanto quanto fosse o sufficiente para trazer-te conforto de espirito e mais segurança no sonho proprio da tua existencia ainda tão criança. Desculpe-me, querido, se foi esse o meu sonho: ser eu a mulher... Se existem pessoas que se necessitem, muito, somos tu e eu. Passou-se uma semana de tudo quanto acconteceu, Steve. Porque é que continuas ainda peor?...

— Ha uma razão, Angie. Ha cerca de uma semana, Riesling, o secretario particular de meu pae, veio até aqui, de New York. Eu ainda não o vi, ou melhor, elle ainda não me procurou.

— E' provavel que elle queira que te vás, em sua companhia...

— Pode ser que o siga, sim... Mas dependerá das condições delle...

— Ahi, então, você não mais precisará de mim, Steve...

Murmurou ella, brandamente, quasi com tristeza.

— Escuta-me! Faça eu o que fizer, vá para onde vá, você me accompanha, entende? Jura-me que o fará!

Abraçou-a. Ella pensou alguns momentos. Depois, firme como sempre, ajuntou ao que elle pedia.

— Se é para teu bem, querido, juro-o!!!

Minutos depois, Reisling vinha para cumprir a sua incumbencia principal em S. Francisco, especialmente incumbido pelo seu patrão. Vinha trazer um "ultimatum" do pae ao filho. Quando elle o deixou, Steve procurou immediatamente Angie.

— Elle quer que eu vá para Shangai ou para a prisão!

— O que?

— Disse-me que acham, lá, que já desgracei sufficientemente o nome da familia e que, assim, preciso ir para muito, muito longe, onde não attinja minha familia o horror dos meus procedimentos anteriores... Assignei alguns cheques e Gibson pagou-mos...

— E não é licito assignar cheques?

— E'. Mas não quando não se tem fundos nos bancos para retirar...

Ella quedou alguns momentos pensativa. Depois disse, simplesmente.

— Tenho commigo algum dinheiro, guardado. Pode não ser sufficiente. Mas não valerá de alguma cousa para você?

(*Termina no fim do numero*)

POR QUE NÃO HAVEMOS DE AMAR TAMBEM AS ALLEMÃS?

EDITH MEINHARD

MARIA PAUDLER

ANNI MAKART

OLGA TSCHECHOWA

CHARLOTTE SUSA

ENTREVISTA DAS

sobre qualquer cousa, dadas em entrevistas varias e aqui reunidas numa só.

———oOo———

— Por que será que uma pequena, como eu, que mais passa as noites em casa do que em diversões, soffre tantos ultrajes da imprensa? (Clara Bow).

Aprecio Greta Garbo no Cinema. Fóra delle, acho-a terrivel! (Fifi Dorsay).

Sou dessas que não conhecem o que seja esbanjar. (Jeanette Mac Donald).

Eu não sei cantar. Não importa. Digam-me: quem o sabe, nos films?... (Lilyan Tashman).

Tenho vestidos, muitos vestidos. Não gosto de vestil-os, entretanto... (Lupe Velez).

Não leio livros. Mas gosto muito de ouvir falar nelles. (Charles Rogers).

Fazer films, vá lá, mas gastar quatro milhões nelles é que não é brincadeira! (Howard Hughes).

Minha vida de casada durou uma hora. Isto é... acho até que foram só 50 minutos... (Rita La Roy).

Uma mulher pode amar um, dois ou tres homens. (Norma Talmadge).

Quero conhecer todas as experiencias que a vida possa ensinar á um ente humano. (Lois Moran).

Daria até a camisa do corpo para ter vivido o papel de *Billy, the Kid*. (Robert Montgomery).

Eu não sou Edmund Lowe. Sou aquelle que meus papeis exijem que eu seja. (Edmund Lowe).

Sinto-me, como artista, tão bom commerciante como o homem que fabrica bons sabões e vende-os bem ao publico. (Conrad Nagel).

A menos intelligente das costureirinhas póde se tornar *estrella*, se assim o quizerem os *productores*. (Charles Bickford).

Greta Garbo não erra! (Greta Garbo).

Não sei philosophia. Francamente, nem sei o que quer isso dizer... (Marie Dressler).

Quando me beijaram, pela primeira vez, pensei que aquillo significava compromisso sério e que eu me devia casar com o rapaz. (Claudette Colbert).

Um cigarro é meio passo andado para um *cocktail* e um *cocktail* é mais do que um passo para uma pequena perder o senso das cousas exactas... (Dorothy Mackaill).

Agora, no Cinema, é que comprehendo bem as differentes phases da vida, os differentes typos de seres humanos e, ainda, aprendi melhor a amar tudo isso. (Maurice Chevalier).

O mar... O que seria o mar?... Lá no sertão eu não o conhecia. E ouvia falar tanto nelle que até saudades delle já tinha... (Lelita Rosa).

Tudo na vida é admiravel. Memo quando repetida. (Janet Gaynor).

Não tenho *amiguinhos*. (Anita Page).

A saudade, para mim, é a propria vida! Foi a palavra mais bonita que o Brasil me ensinou. (Ruth Gentil).

No tempo dos films silenciosos, faziam-se scenas dramaticas ao som do *Yes, Sir, That's my Baby!* (Dorothy Jordan).

Não sou culta. No sentido desta palavra lida ao estudo por meio de livros. (Clara Bow).

Não somos o que queremos ser. (Maximo Serrano).

Reclamaram as roupas de banho das minhas banhistas. Se as vestisse como se vestem certos amadores, seria preso... (Mack Sennett).

Pouco me importo em ser *estrella* ou não. O que quero, são bons films. (Alice White).

Queria que alguem me olhasse e me estimasse sem essa mania de fazerem de *irmãzinha* dos outros. (Mary Brian).

Não sei por que, tenho fome a todo instante! (Kay Francis).

Sonhar, para mim, é viver! (Gina Cavallieri).

Gostaria de casar-me e ter filhos, muitos filhos! (Lois Moran).

Nestes cinco ou seis annos

Anita Page

Aqui estão, em resumo, opiniões de diversos artistas

Irene Rudner

Bow

Já ouviu alguem de Cinema conversar qualquer cousa que não se relacione com malicia e sexualismo? (Irene Dunne).

Quando ainda não pertencia ao Cinema, até de macacão eu andava. Agora tenho que apparentar e fingir aquillo que não sou. (Claudette Colbert).

O publico não quer que os artistas sejam entes humanos como outros quaesquer. (Phillips Holmes).

Se de mim disserem mentiras, eu não ficarei aqui. (Marlene Dietrich).

Jamais me canço de ouvir o marulhar das aguas ou de apreciar o bater das ondas sobre as areias das praias. (Neil Hamilton).

Se a immoralidade em Hollywood, é condemnada com o afastamento da cidade, por que é que lá ainda existe gente?... (Mary Lewys).

Jeanette Mac Donald

nem siquer quero pensar em casamento. (Charles Rogers).

☧ No meu paiz, se um homem segura a mão de uma namorada, apanha uma bofetada, na certa. (Ramon Novarro).

☧ Prefiro a morena, de olhos bem morenos, tambem. (Ronaldo Alencar).

☧ No theatro e no Cinema, já tenho sido tudo, menos cavalheiro de bom tom. (Walter Huston).

☧ Não existe ninguem que se compare a Greta Garbo. (Marlene Dietrich).

☧ Não acho graça alguma no amor. (Ina Claire).

☧ A minha primeira scena de beijo quiz fazel-a tão bem, que cheguei a ensaial-a com a minha propria sombra! (Celso Montenegro).

☧ Eu amo Ramon Novarro! (Raquel Torres).

☧ Os films só seriam boas cousas de arte, se os directores e os productores fossem individuos mais intelligentes. (Charles Bickford).

☧ Eu não nasci com esta cara. (Louis Wolheim).

☧ Sei que o publico já se acha cançado de tanto ver garotas despindo-se em scenas de *boudoir*. Eu, então, já me tenho despido tanto em fitas que já perdi a conta... (Alice White).

☧ Não sou tão burra quanto querem minhas inimigas. (Lily Damita).

☧ Cinema e musica, as minhas adorações! (Cleo Verberena).

☧ Deante do publico, nas reuniões, sou uma dama. Em minha casa, sou o diabo em pessoa! (Lupe Velez).

ENTREVISTAS

☧ Quando eu e Douglas quizermos nosso lar augmentado, tel-o-hemos! (Joan Crawford).

☧ O amor é um boneco que nós só ganhamos uma vez na vida! (Crizetta Moreno).

☧ A vida é o reflexo de nós mesmos. (Paulo Morano).

☧ Detesto bailados de chapéo á cabeça. (Irene Delroy).

☧ Ha cousas que as mulheres fazem e me aborrecem muito. (David Manners).

☧ Não creio em numero 13 e nem em gatos pretos. (Augusta Guimarães).

☧ Para o homem me agradar, basta um só grande predicado: não ter bigode, nem mesmo *bigodinho*... (Taciana Rey).

☧ Poesia é cousa cacete. Já aturei alguns sonetos e mesmo poemas inteiros... (Olga Breno).

☧ Nada penso do amor, porque nunca amei. (Irene Rudner).

☧ Os homens não valem nada. Mas as mulheres não passam sem elles... (Alda Rios).

☧ A mulher que mais eu amei e mais amo, é minha mãe. (Ernani Augusto).

☧ O carinho mais delicioso do mundo é o beijo. (Carmen Violeta).

Futuras Estréas

SWANEE RIVER (Sono Art) — Thelma Todd e Grant Withers, este ultimo um perobissimo, lutam o possivel contra o fraquissimo argumento. Não conseguem nada. O publico aborrece-se immensamente, assistindo-o.

COMRADES OF 1918 (Forenfilms) — O primeiro film falado que os allemães dão ao mundo, mostrando o que pensam e o que sentem dos horrores da grande guerra passada. E' um film intenso, forte, muito bem dirigido e esplendidamente photographado. Não leve crianças e nem gente nervosa. E' alguma cousa que desmancha toda a illusão da vida.

A RIDER OF THE FLAMES (Syndicate) — Ora bolas, "seu" Tom Tyler, o senhor está pensando que nós ainda não conhecemos tudo isso que o senhor representa, é? Pois já conhecemos e ha quasi vinte annos!!!

WILD WEST WHOOPEE (Cosmo) — Jack Perrin e Josephine Hill, num film do oeste que é mais convencional do que uma formula para constipado... Ha muita pancadaria e muito falatorio inutil. Não percam tempo com isto.

THE LIGHTNING FLYER (Columbia) — O filho do presidente da companhia de estradas de ferro, torna-se apenas um modesto empregado da mesma. Já sabe o resto, não é? Pois é. E' isso mesmo! Nós tambem sabemos, mas o que fazer? Elles acham que ainda dá resultados... Dorothy Sebastian e James Hall fazem o que podem.

☧ William C. De Mille, a 1°. de Julho, começa o seu novo contracto como director de films para a Paramount.

Carmen Violeta

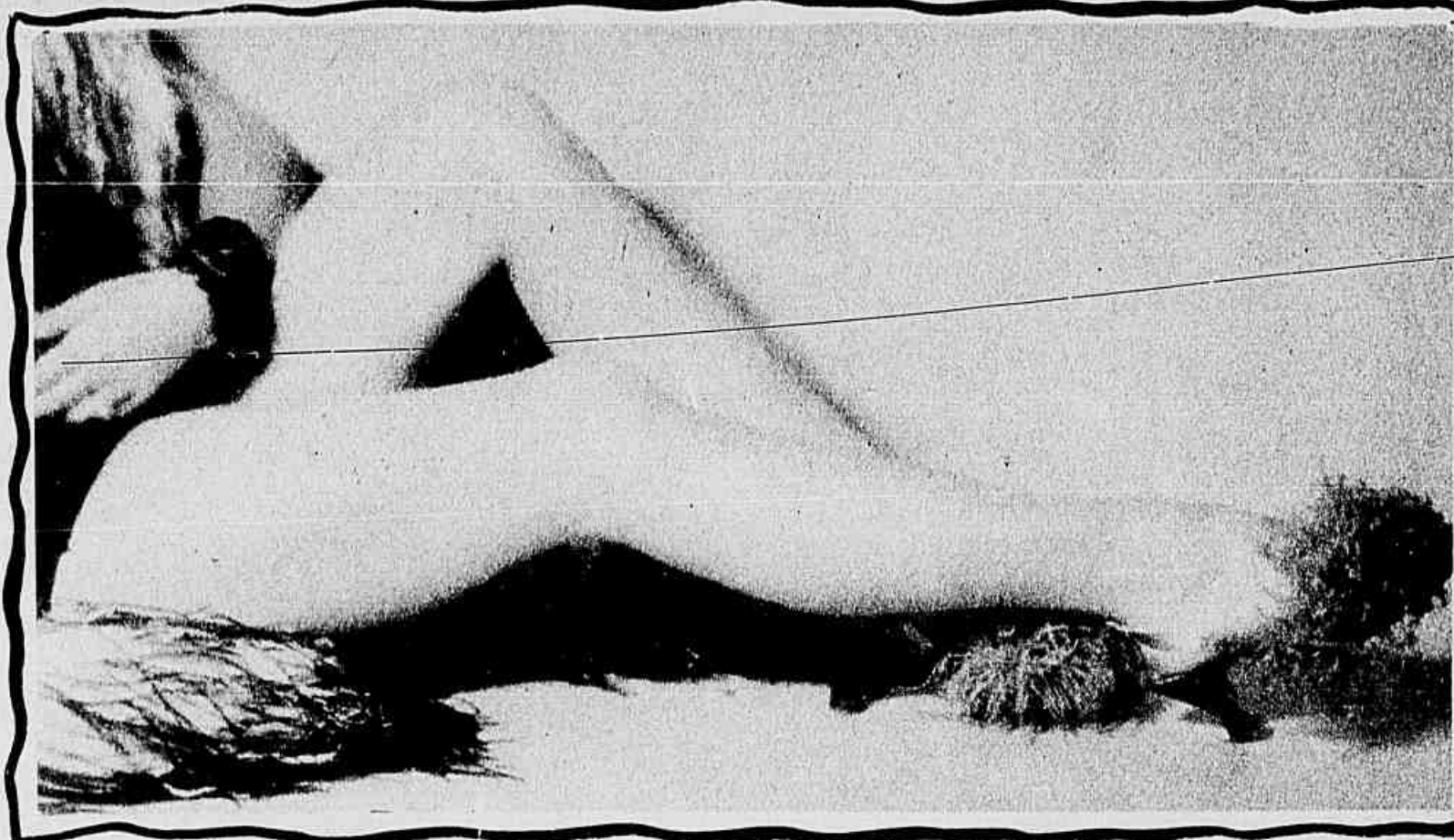
Gina Cavalliere

Claudette Colbert

Cleo Verberena

Constance Bennett... Gata scismarenta, interessante, exquisita... insinuante... Mas perigosa e inflammavel como dynamite... maliciosa e sophismavel como um detalhe de Lubitsch... Bonita e seductora como um sonho de paixão...

Constance Bennett

As pernas de Marlene

Que irá acontecer ás pernas de Marlene? Você responderá, naturalmente: "Pensei que estivessem passando bem..." ou então: "Olhe e... adivinhe!" A pergunta, entretanto, é muito séria e, della, depende quasi que o futuro do proprio Cinema...

Com *Dishonored*, seu terceiro film, Marlene estabeleceu-se no conceito do publico como uma *estrella* de primeira grandeza e radioso fulgor. Não cahe mais.

Você poderá dizer, tambem, que foram a belleza, o talento e a elegancia de Marlene que lhe grangearam a fama. Eu direi, entretanto, que tudo foi por causa das suas pernas. Terei errado?...

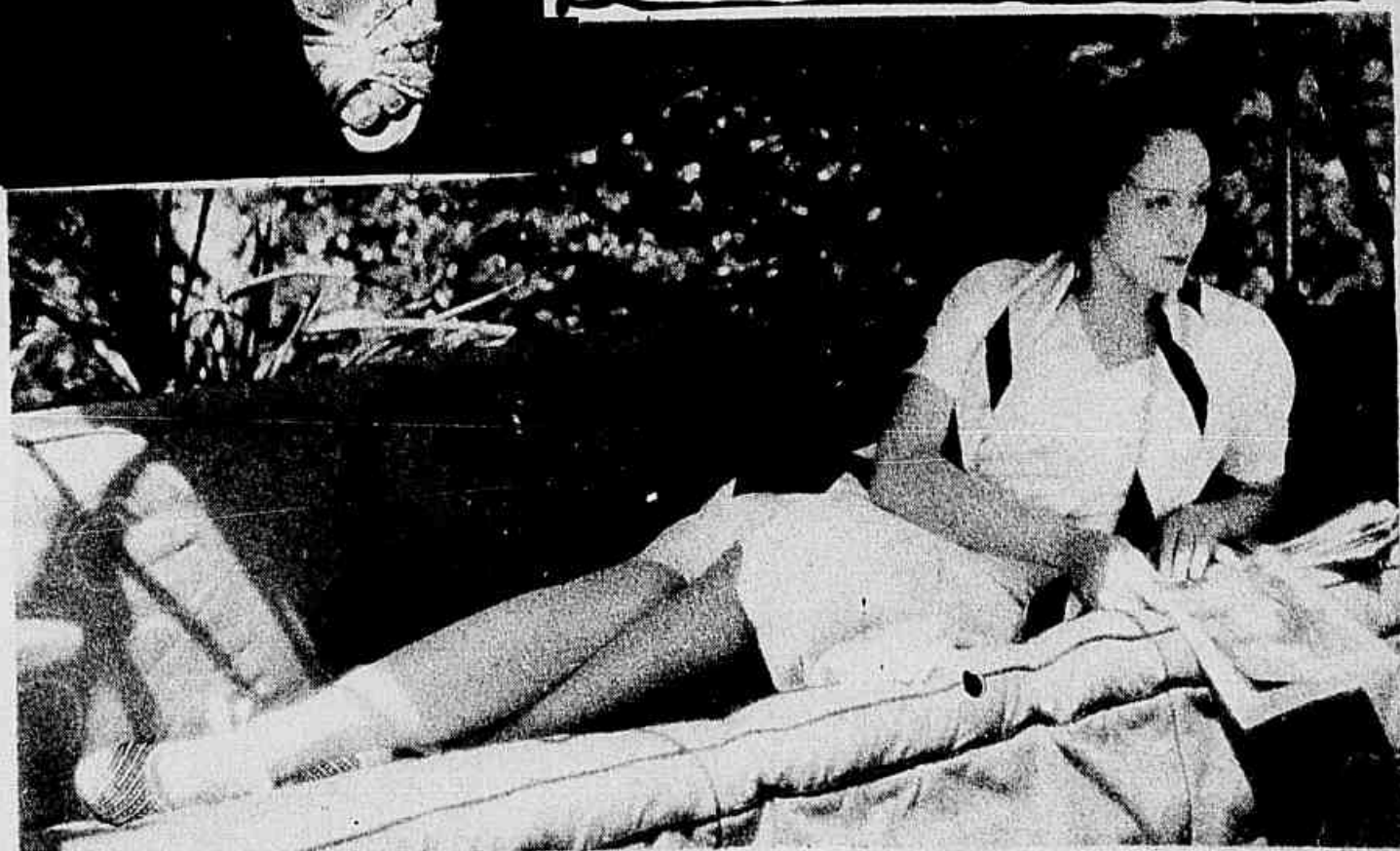
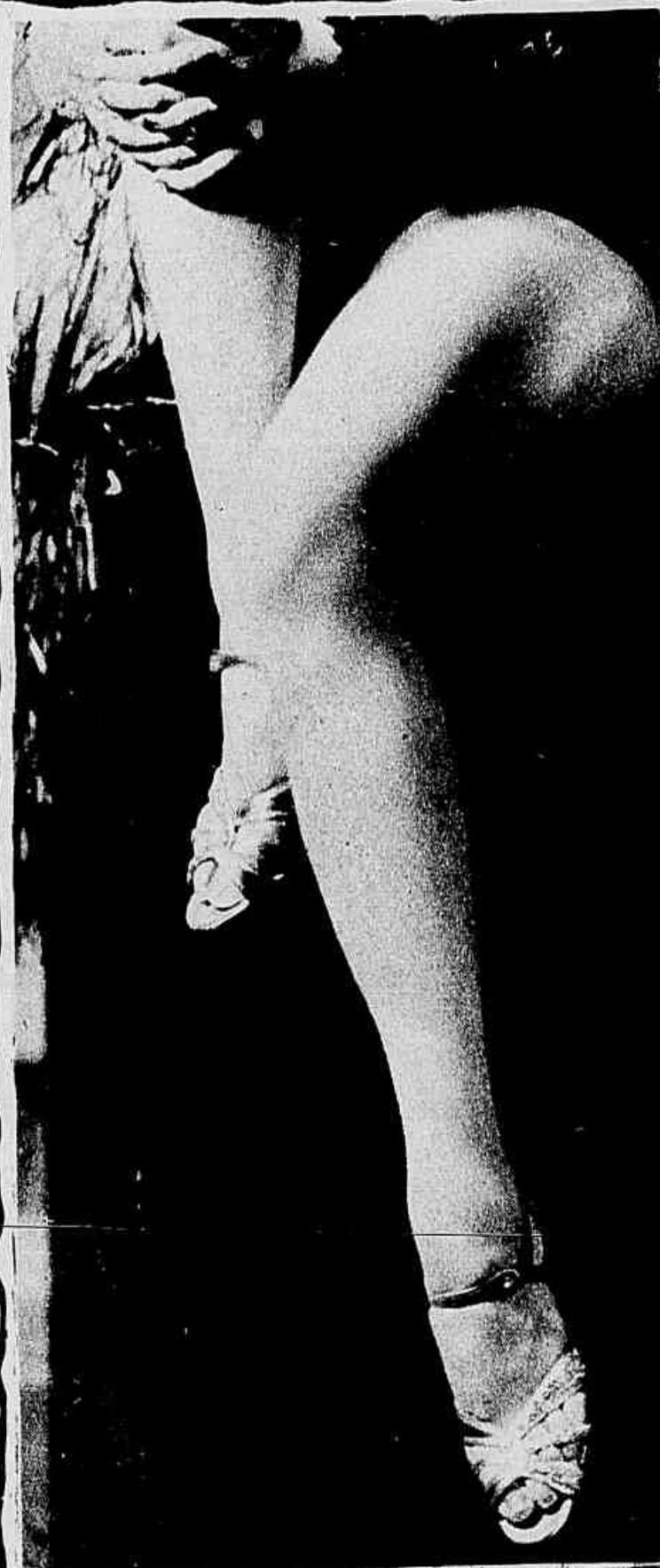
Suas pernas, aquellas lindissimas e faiscantes pernas que tres films já nos mostraram á vontade, andar por ahi pisando, pulando por todos os lados, nos jornaes, nas revistas, nas reclames, em tudo. Principalmente nos films! E dizem alguns escriptores, com intelligencia, aliás, que ellas falam mais eloquentemente do que a dona...

Começaram ellas a mostrar-se irrequietas em *Anjo Azul*. Depois, em *Marrocos*, tornaram-se levadas. Agora, em *Dishonored*, positivamente impossiveis...

Devemos isto tudo ao zelo e á generosidade do seu director, Josef Von Sternberg. Elle sabe como mostral-as e fal-as constituir, ainda que não queiram, um par de murros mais fortes de que os de Dempsey, eternamente ameaçando os olhares dos *fans* apaixonados...

Vamos recordar alguma cousa para depois, concluir. O film em questão, *Dishonored*, começa com um *close up* das pernas della, sublimemente vestidas com meias de finissima seda. Foi o sufficiente! O publico todo vociferou, num devotamento: "Marlene!!!" conhecendo-a immediatamente... Ainda que fosse uma noite africana, todos conheceriam aquelle par...

O tamanho do film, a sua duração, a sua historia, a sua direcção, tudo, em summa, foram dominados por aquelle par... Quando ella e Victor Mc Laglen, espiões de paizes inimigos se enfrentam pondo, naquelle momento, a morte e a vida de permeio, num jogo rapido, os olhos descem sem querer da pistola apontada e ameaçadora, para as pernas de Marlene... Por que será que o director faz isso? Para mostrar, frisando, que eram mais perigosas do que a arma?...

E, assim, durante o film todo, é uma continua exhibição, a qualquer pretexto e por pretexto algum, mesmo. Ellas dominaram todas as sequencias dramaticas nas quaes appareceram nellas todas... Verdadeiramente falando, são ellas a *estrella* do film... O restante de Marlene e o todo do pelludo Victor Mc Laglen, fazem o que podem, mas absolutamente não conseguem derrotar aquelle par de pernas... Rendemos nossas homenagens e, principalmente, nossos agradecimentos a Josef Von Sternberg.

Houve instantes em que duvidei de mim mesmo. Estaria assistindo a um film, ou a uma exposição de pernas?

E o final do film? Quem o poderá esquecer?

Marlene, provocante como sómente o poderia ser uma espiã, realmente, acha-se defronte a um pelotão que a vae fuzilar. (Naturalmente a sua impassibilidade era porque sabia que as balas eram de brincadeira...) Começa o fatal rufar de tambores. Formam os soldados em linha, apontam as armas e apenas aguardam a ordem de commando para fazer fogo. Naquelle momento, Marlene do que se lembra? Ora! Ergue o vestido, exaggeradamente, e concerta uma das ligas que deixara escapar a meia... Os soldados baqueiam! O dever os acorda, entretanto... Inverte-se o caso: elles é que deviam ter vendados os olhos e não ella... Ouve-se o tiroteio e ella tomba morta. Felizmente! Felizmente, digo, porque arranjou a meia antes de morrer. Seria distincto e fascinante ella apparecer diante de São Pedro com a meia cahindo? Até ali Josef Sternberg mostrou conhecer profundamente o seu *métier*.

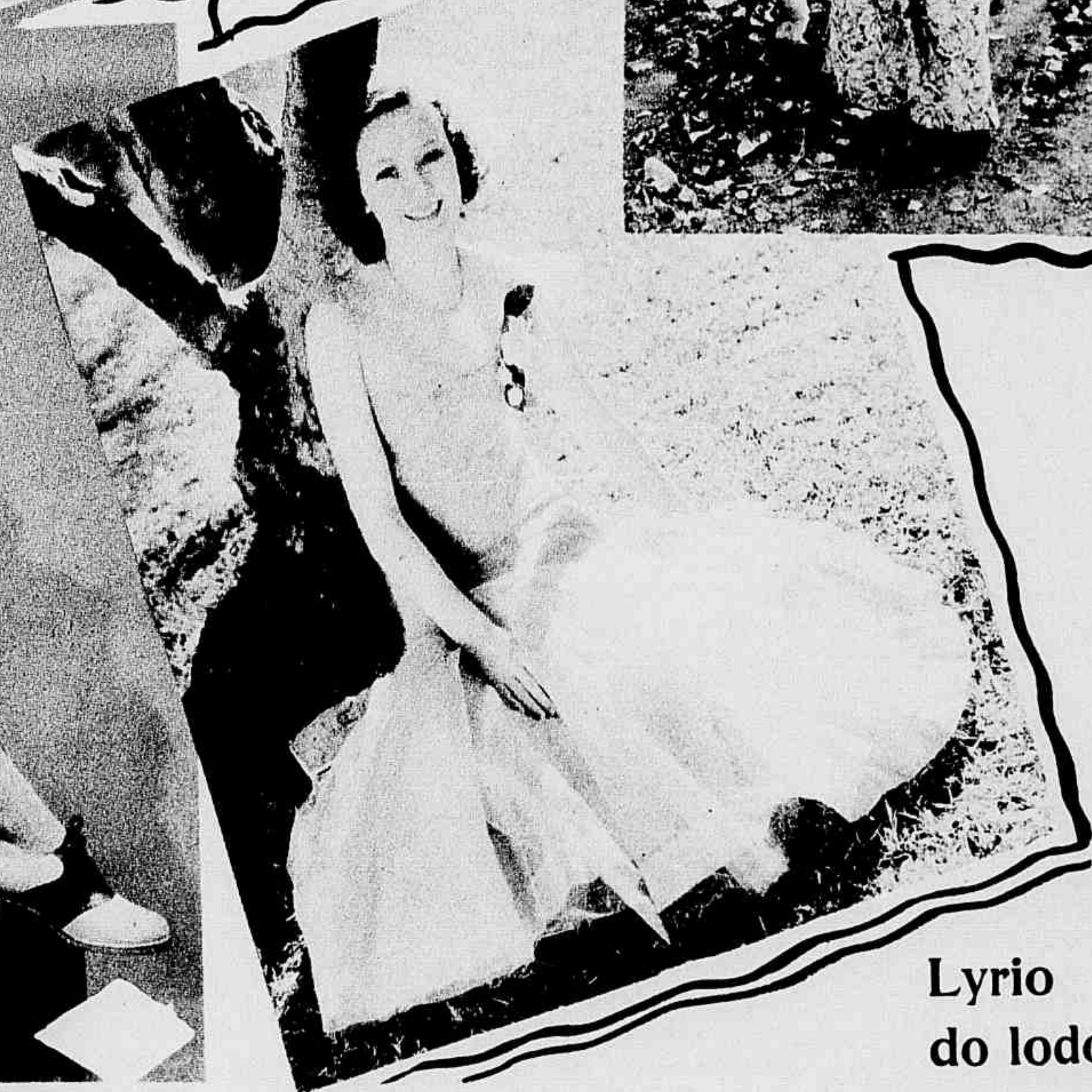
E' logico que eu prefiro olhar para as pernas de Marlene, do que ficar olhando o luar, como Taj Mahal ou assistindo ao tombo de uma mulher gorda que escorrega numa casca de banana, é logico, mas não posso deixar de fazer as seguintes considerações.

Josef Von Sternberg — descobridor, director e "distribuidor" da famosa bomba de Berlim — anda ameaçando a saude da carreira artistica da nossa querida Marlene. O tempo todo, nos seus films, passa ella em cadeiras, com as pernas erguidas ou á mostra, visivelmente, ou deitando-se em divans ou dansando e cantando em palcos que são pretextos. Mas agora, depois de tanta amostra, Mr. Sternberg tem pena! Para que judiar assim da gente? Chega! Cubra isso e mostre, agora, que ella é artista. E' isto que agora queremos ver. Se eu assistir a um film de Marlene em que ella appareça com as pernas devidamente cobertas e, depois delle, eu consiga ver alguma cousa que não sejam as mesmas cavalheiras das quaes venho falando desde o principio, então terei a plena certeza de que ella vale o que eu ha muito quero dar e não ouso: o titulo de melhor artista do Cinema. Mas para isto é preciso que ella seja melhor artista do que suas proprias pernas...

Heinz Paul dirigiu *Schatten der Manege*, da Haase Film, com Liane Haind, Trude Barlinur, Walter Rilla, Karl Ludwig, Oscar Marion, Rolf v. Foth, Hermann Picha, Vally Arnheim e Carly Dodo.

* * *

William Watson foi contractado para dirigir comedias para a RKO-Pathé.

Eu
vou
pra
villa...
Dorothy
Jordan
Lyrio
do lodo?

Horas depois de haver bebido um excellente vinho em casa de Ruth Roland, fui conhecer José Bohr, na fabrica em que elle estava trabalhando, tanto mais interessado, sabendo que elle, no Rio de Janeiro e no Brasil todo tem nome bastante divulgado. Elle é chileno e, como Barry Norton, Mona Maris e outros latinos, tem conseguido algum successo em film de Hollywood.

Apesar de Santiago não ser demasiadamente longe de Hollywood e de Buenos Aires, tambem, onde elle fez varias temporadas de successo, no emtanto, para chegar até aqui, elle levou a ninharia de quinze annos.... Isto é: não vão pensar que elle seja andarilho profissional e que se tenha dedicado á essa excursão tremenda, não. O negocio é no terreno do seu ideal, isto é: da sua vontade de ser artista de Cinema, em Hollywood.

Bohr acha-se ha muito tempo em Hollywood. Elle tem um grande enthusiasmo pelo film falado e diz, mesmo, que é uma das cousas mais maravilhosas que já se fizeram neste mundo todo. O seu primeiro film, aqui, foi a versão hespanhola de um grande successo de Eddie Dowling no palco e tambem na tela e que, na sua versão latina, chamou-se *Sombras de Gloria* (Blaze O'Glory). Bohr, na versão hespanhola que fez, figurou, ainda, como associado na producção. Apesar do Brasil não ter tido, no elenco desse mesmo film, um só representante, a America do Sul toda está representada e até americanos do centro, mesmo, figuram... Rodolpho Galante, o conhecido brasileiro de que temos falado algumas vezes, ia tomar parte na representação, sim, mas, por motivos imperiosos, não o fez e, assim, não conseguiu a nossa terra ter o seu representante no elenco do referido film.

José Bohr já esteve no Rio de Janeiro. Conversamos muito sobre a Capital e elle teve as melhores phrases de elogio, entre ellas aquella que é a classica de todos quantos, por mar ou pelo ar, toquem ahi:

— Diga, pelo seu jornal, que a sua terra é a mais maravilhosa que temos visto!

E outras expressões de deslumbramento. Uma das vezes em que elle aqui esteve, foi em companhia de Jorge Matte, embaixador do Chile.

Suas musicas têm tido uma ampla divulgação e *Mi Querido Agustin, Oh, Paris!, Pero hay una Melena* e tantas outras são cousas que até em assobios já andaram por ahi.

A primeira cousa que elle me disse, quando lhe fui apresentado, foi isto:

— Sei que é do Brasil e representa CINEARTE! Lembra-se de uma festa de quasi uma totalidade de velhos, na semana passada? Pois foi lá que me deram essa informação. Aliás, digo-lhe, folgo immenso com isso.

A tal festa a que elle se referia, sem duvida, fôra uma das peores cousas que eu tinha visto em toda minha vida. Tinha uma continuidade terrivel, uma direcção nulla e uma historia mais do que banal... Cotação: pessima!

Conversei sobre isso e uma joven, secretaria de José Bohr (creio!...) confirmava estas minhas opiniões.

FALANDO COM JOSÉ BOHR

(De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood)

— Faço questão de ter um brasileiro, ao menos, para os meus proximos films. Sou, pode ter a certeza, um amigo muito grande do seu paiz e quero, por minha vontade e por saber que com isso poderei prestar uma pequenina homenagem á sua terra, por um seu patricio num dos meus elencos. Quando lá estive, as gentilezas que recebi foram innumeras. Não as esqueci. Justo é, portanto que agora eu mostre por qualquer fórma esse mesmo reconhecimento. No Rio e em S. Paulo, sem duvida, tiveram minhas musicas uma acceitação enorme e o successo que eu mesmo obtive, quando estive nessas duas cidades, foi grande.

Depois de algum silencio, elle me continuou contando os seus planos

— Quiz muito utilizar a Lia Torá, artista do Brasil que muito dignamente poderia ter representado o seu paiz no elenco do meu film. Entretanto, por motivo que não importa, aqui, não a consegui para o elenco do mesmo. A minha vontade, entretanto, era a mais sincera e a maior, creia!

A sua vontade pelo Brasil e o que elle a todo instante falava do Brasil, puzeram em mim, apesar dos pesares, uma certeza de que elle não estava sendo igual aos outros nesse modo de falar. Não estava sendo apenas delicado: estava sendo sincero, tambem.

Depois disso entramos pelo terreno politico. Discutimos a paz do Chile em relação ao fogo que se atiçou nas veias do Brasil, Argentina, Bolivia e outros paizes sul-ameircanos. Discutimos o valor da herva matte. Falamos do café. Tocamos no chimarrão. Falei-lhe dos côcos da Bahia, dos vatapás, carurús e muquécas. No café de S. Paulo. Nas madeiras do Paraná e elle, por sua vez, entrou com cousas de Santiago, a um tal ponto que, quando acordamos, verificámos que o que nos tinha posto tão carinhosos para com nossos paizes haviam sido doses mais fortes de "contravenção" que a sua secretaria Kay-Francis havia derramado, com um olhar malevolo, dentro do nosso ingenuo *punch*...

Fui para casa escrever estas ligeiras opiniões sobre José Bohr. *Asi es la Vida, Romance of Rio Grande* e outros, foram seus trabalhos. Ainda muito poderá fazer pelo film falado em hespanhol, em Hollywood.

Gary Cooper fez annos a 7 de Maio.

Susan Lenox, Her Fall and Rise, o proximo film de Greta Garbo, para a M. G. M., terá a direcção de Robert Z. Leonard e Clark Gable como galã.

Tre Great Lover, da M. G. M. com Adolphe Menjou, Irene Dunne, Olga Baclanova, Ernest Torrence e Cliff Edwards, não mais será dirigido por Arthur Robison e, sim, por Harry Beaumont.

Personal Maid será o primeiro film dirigido por Monta Bell, para a Paramount, em New York, depois do seu novo contracto. Nancy Carroll será a estrella.

Fred Niblo dirigirá Bill Boyd em *The Iron Chalice*, da R.K.O.-Pathé.

O proximo film de Harold Boyd, chama-se *Beau Pest* e é uma satyra aos films sobre a legião estrangeira e os desertos do Sahara. A historia foi escripta por Richard Connell.

Haneymoon Lane, com Eddie Dowling como protagonista, é dirigido por William J. Craft e tem June Collyer, Noah Beery e Raymond Hatton no elenco.

A Universal contractou Mae Clarke para figurar em *Waterloo Bridge*, que James Whale dirigirá.

LEILA HYAMS

São essas lourinhas ingenuas de olhos azues as melhores vampiros...

A ULTIMA ESPERANÇA

nem sequer me dizem que nunca me deram uma bôa opportunidade, nem sequer consideram nada.

Foi, não ha duvida, uma bofetada com a qual elle jamais contou. Como o cavalleiro que leva um tombo formidavel e desmaia, elle ainda pergunta, até agora: durou muito tempo, durou? Onde estive eu?... O unico verdadeiro crime de que o accusam, entretanto, é averiguar, com segurança, que tornara-se homem.

O certo sobre o que devia fazer, entretanto, não sabia elle, absolutamente. Tudo lhe parecia vago, tudo incerto.

Hoje, diante de uma nova espectativa, nova para qualquer artista, não sabe elle o que fazer. Se lutar, se desistir. Estuda canto, aprende hespanhol, com mira em versões **estrangeiras** resolve muitas cousas e não resolve nada. Tudo é dubio, tudo é vago, na vida. O novo film que está fazendo, **The Lewyer's Secret**, ao lado de Clive Brook, Richard Arlen, Fay Wray e Jean Arthur é que vae falar das suas novas opportunidades.

— Eu sou artista?...

E' o que quer saber Charles Rogers. Tornou-se o rapaz mais em evidencia em todo Paiz. Todos o queriam bem, todos o apreciavam e cartas recebida de pontos os mais diversos do Paiz e do extrangeiro, mesmo. Aos vinte e dois annos, era um dos **astros** mais em evidencia em toda Paramount. Hoje está em plano ultra-inferior e ninguem, mesmo, cita meritos ou defeitos seus.

Da noite para o dia, com a mesma facitivolidade, o publico voltou-se contra elle. Deixava de ser idolo, para ser motivo de caçoadas. O motivo?... E' simples. Ninguem via cousa alguma nelle. Ninguem notava qualidades. Era sempre o mesmo, sempre o mesmo agua-e-assucar que nem sequer prazer dava em ver...

E' por isso que elle quer saber.

— Eu sou artista?...

A si mesmo, com todo fogo da sua extrema juventude, já com uma grande desillusão, fazendo-o mais homem, quer dar elle, prompta, a resposta á esta pergunta. Elle quer ter o papel de um **gangster**, de um **cow boy**, alguma cousa, emfim, que lhe dê opportunidade de representar e provar que é o que outros, todos, não crêm que elle seja.

Elle já teve todas as bôas cousas que são a finalidade de um grande **astro:** fama, dinheiro, adulação. Mas teve-os quando era muito moço, no principio da sua carreira. Perde-as agora, abruptamente, justamente quando ia começando a gosal-as...

Mas elle é persistente e diz que as ha de rehaver e... como artista!

— Eu jamais pedi a fama toda que me deram. Foi alguma cousa que me confiaram sem que eu solicitasse. Depois que a tive, jamais tive que lutar por cousa alguma, tudo foi facil. Entrando para o collegio, deram-me um logar na orchestra e puzeram-me a ganhar quarenta **dollars** por semana, mesmo sem saberem se eu prestava ou não. Um amigo levou-me á escola da Paramount, então aberta e eu não pedi opportunidade alguma. Deram-me, entretanto, o principal papel em **Fascinating Youth**, o primeiro film feito só com os alumnos do referido curso... Deram-me, ainda sem que eu nada pedisse, um contracto longo e, em seguida, na mesma norma, o principal papel em **Asas.** Mary Pickford escolheu-me para seu companheiro em **My Best Girl** e Ann Nichols para protagonista principal masculino do seu **Rosa de Irlanda**... Um anno e meio depois de estar correndo o meu velho contracto, deram-me um novo, muito melhor. Agora... é isto que sabem. Dão-me como fracasso e...

Mamãe Rogers...

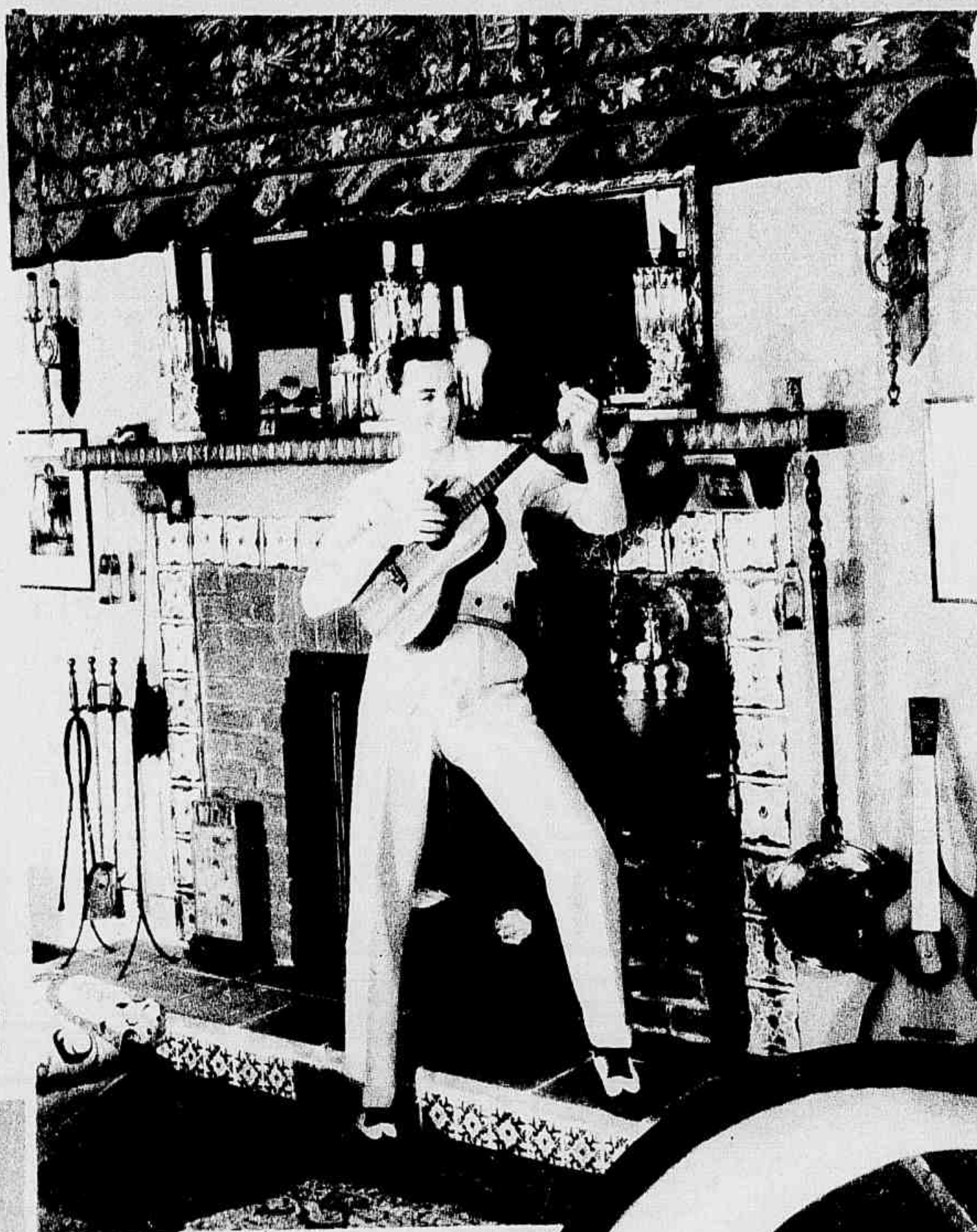
Elle quer representar, quer deixar de ser **astro**, para sempre, mas quer, em troca, apenas bons papeis e cousas nas quaes possa evidenciar qualidades que lhe dêm expontaneamente, um publico que está a lhe fugir sem que elle o possa deter. E' apenas isto que elle quer e nada mais.

Conseguirá Charles Rogers a reforma planejada para a sua nova carreira?...

E' uma cousa que apenas o futuro poderá responder...

DE CHARLES ROGERS

* * *

The Secret Call, da Paramount, tem o seguinte elenco: Richard Arlen, Peggy Shannoh, Ned Sparks, William Davidson, Eugene Pallette e Claire Todd.

The Lady of the Lions, original de Bartlett Cormack e não **Indiscretion**, será o proximo film de Marlene Dietrich. Josef Von Sternberg dirigirá.

* * *

Horseflesh, da M. G. M. Lew Cody num dos primeiros papeis e Charles J. Brabin dirigindo.

* * *

Strictly Dishonorable, que John M. Stahl vae dirigir, para Universal, tem John Boles e Sidney Fox nos principaes papeis. Gladys Lehman escreveu o scenario.

* * *

Clara Kimball Young, a nossa veterana conhecida figurará como principal em **Women Go On Forever** que James vae produzir e dirigir.

Estelle Taylor figura em dois films da United Artists: **The Unholly Garden**, com Ronald Colman e **Street Scene**, ao lado de Nancy Carroll.

* * *

Robert Montgomery, Lona Lane e Arminda fizeram annos a 21 de Maio. E Estelle Taylor um dia antes.

No tempo da primeira esperança...

Amo Joan Crawford! Seu corpo divino, seus gestos nervosos, seus labios semi-abertos, bem desenhados, sensuaes...

Amo Joan Crawford! Mas a Joan de antes do seu casamento... Depois que Douglas filho a fez sua esposa, Joan mudou...

Não a reconhecemos mais. Seu romance amoroso — o primeiro — foi explorado como aquelle que a historia fez o mais celebre: o de Romeu e Julietta.

Ella disse que antes de Douglas filho, ninguem lhe havia despertado amor. Com elle, entretanto, conheceu-o com paixão ardorosa.

Dizem, ainda, os jornaes, as revistas de Cinema, que, no lar, Joan é extremamente cuidadosa, minuciosa, mesmo, nem sequer permittindo um graozinho de pó estacionar mais do que um segundo sobre qualquer movel...

Disse o seu agente de publicidade, tambem, que o amor, para ella, foi a suprema benção dos ceus. Sem elle, era incompleta. Que todos os seus movimentos, que toda sua alegria, reside apenas no amor que lhe dá seu marido.

Por que é, então, que vivem a dizer os jornaes menos cheios de publicidade, terrivelmente maus, que Joan, apesar de tudo, continua mais melancolica do que nunca, mais pensativa do que já esteve, em toda sua vida?

— JOAN CRAWFORD, ou A FILHA DO PRAZER.

Illumina-se a tela! Agitam-se, num rectangulo, quarenta pares, mais ou menos, apenas sobre tres quadrados livres... Saxophones gemem tristezas de musicas modernas... Esmagam-se contra os plastrons engommados das camisas dos homens, os seios pequeninos e envolvidos em sedas, das mulheres. Bem encostados, bem proximos, uns dos outros, os pares movem-se, lentamente, na cadencia lenta e maluca da musica de hoje. Os corações estalam, baixinho, para não assustar o susto que a alma sente. Alguns labios se tocam, rapidos, numa angustia infinita, passando a limpo um olhar longo e penetrante...

E explode o **jazz**!!!

Uma pequena de olhos brilhantes, linda como poucas, extremamente fascinante, avança.

— Hello, boys!!! Helo, everybody!!!

Exclama numa voz morna, quasi rouca. E sem mais avisos, atira-se á dança.

Pernas para a frente, braços para traz, braços para a frente, pernas para traz, cantando baixinho, fazendo os movimentos cada vez com maior rapidez, indo ao hysterismo dos movimentos, impellida, sempre, pela loucura dos sentidos.

Interrompo aqui a projecção do film que estamos assistindo. Vamos conversar assumptos mais importantes...

Nenhum papel, Joan fez melhor do que aquelle de **Donzellas de hoje.** Sincera, em todo elle, despojada de toda e qualquer hypocrizia, jogada, naturalmente, dentro de uma aventura humana posta ao vivo, ella personificou, como nenhuma outra personificaria, a virgem moderna, a dos nossos dias. A dança que descrevi acima, era sua, naquelle film. Uma dança que perturbava, que irritava...

Joan não é fragil nem forte, como o anjo da corrupção. E' dura de musculos, nervosa, toda ella, profundamente bem feita de saude. Seus olhos é que são a certeza de que ella é mulher... Tão brilhantes, tão cheios de sêde de prazer.

Ao seu lado, pervertem-se os gostos. Tanto nos faz, tendo-a perto de nós, que sejam os livros impressos ás avessas, ou os jornaes de cabeça para baixo... As danças, de negros ou de civilizados, pouco se nos dão. As modas e as artes, tortas ou direitas, que significam? O que nos importa, apenas, é ella, a "donzella de hoje", a menina leviana e sincera, a um só tempo, que nos enlouquece os sentidos e nos perturba a alma de suavidade, a um só tempo. Joan faz doer o coração! Que pequena!

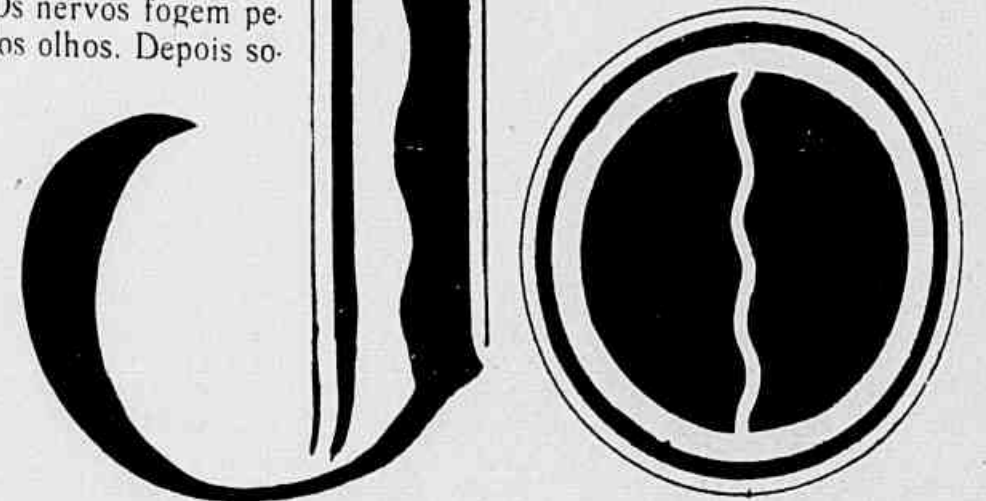
Ella é, realmente, a figura viva da filha do prazer que, irresponsavel, nos conduz ao turbilhão das alegrias, dos prazeres, a nós, os novos iniciados neste novo crédo de paroxysmos e demencias.

Uma verdade, entretanto, urge que se diga. Nua ou impudicamente velada, Joan Crawford não desperta em nós um desejo verdadeiramente carnal. Carole Lombard, Marlene Dietrich, Sue Carol, Clara Bow e Anita Page, são creaturas que nos vencem taes instinctos. Mas o **sex appeal** de Joan, ao contrario, provoca mais reacções mentaes do que physicas. Ella é mais mulher para o cerebro do que para a materia.

A explicação unica que achamos para isto, é que Joan não é mulher. E' a filha do prazer. Nella, não vemos, nunca, uma joven querida e amorosa. Os seus sentimentos nos parecem sempre affectados. Suas attitudes sentimentaes sempre são falhas de espontaneidade.

Em **Donzellas de hoje**, que aprecio repetir, citando, ella venceu todas as convenções, todas as disciplinas, todos os equilibrios de ordem social. Ella, a virgem amalucada, fez-nos seus escravos. No final do film, o bem vence o mal. Mas o bem, collocado sobre o seu rosto, dá-nos a impressão de uma mascara fingida, transparente, que não evita continuarmos vendo seus olhos peccado, seus labios malicia...

Joan Crawford
toria do mal sobre o
Vamos vel-a, m
carmos do que dize
vras que possam ex
gravado no meu cer
t e l a d e u m Cine
Ergue o busto.
voaçam tocados por
conhecidos. Na sua
prazer intenso de vi
so. Depois ella se se
reza toda, uma pert
ainda se alerda naqu
tanta belleza, de tan
Depois ella torn
Ali, sob a aragem da
do poema da vida..
Os nervos fogem pe-
los olhos. Depois so-

é, queira ou não queira a vic-
bem.
ais uma vez, para nos certifi-
mos. Peço á inspiração, pala-
primir o que ella sempre deixa
ebre quando a vejo na pallida
ma...
Seus cabellos, admiraveis, es-
ventos que vêm de logares des-
garganta, canta a alegria, o
ver illumina-a toda num sorri-
nta. Estira-se... Ha, na natu-
urbação. O velho mundo mais
ella m u d a contemplação de
ta seducção...
a a se erguer. Vae dançar...
quelle bello dia, s o b as rimas

bem, rapidos, quasi estrangulam o cerebro... Ella vae dançar... Horas, dias, annos!!! Dançará emquanto durar o prazer. E o prazer dura seculos, dura a vida toda, porque é eterno e Joan, sem duvida, é a sua filha dilecta.

O homem que a abraça, para a dança, que a põe perto de si, deve sentir emoções as mais violentas. Dentro de seus braços ella tem a propria imagem do prazer..

El Comediante, primeiro film de Ernesto Vilches feito sob combinação com a Paramount, foi terminado.

* * *

Kathlyn Williams figura no elenco de **Daddy Long Legs,** que a Fox está fazendo com Janet Gaynor e Warner Baxter nos principaes papeis.

* * *

Richard Arlen, Josephine Dunn e Leila Hyams completaram mais um anno a 1 de Maio.

* * *

Em Vienna fundou-se uma liga contra a musica mechanica, isto é, contra os films falados e synchronisados.

* * *

A United Artists vae produzir, por intermedio de Howard Hughes, **Scarface,** tendo Howard Hawks na direcção Para o principal papel masculino foi escolhido Paul Muni.

* * *

Wild Horse é o segundo film de Hoot Gibson para a Allied Pictures. Alberta Vaughn será sua heroina e o megaphone estará nas mãos de Richard Thorpe.

* * *

Laurels and the Lady, será dirigido por Berthold Viertel e terá Ruth Chatterton no principal papel.

* * *

A Gaumont, da Inglaterra, está cogitando de abrir um Studio em Hollywood. (Não acreditamos!).

Joan Crawford é a deusa da nossa geração. Suas pulsações são extra-rapidas. Suas idéas, febris. Parece que está sempre bebendo alcool de contrabando, **flirtando** noivos e maridos, correndo a 120 kilometros em estrada accidentada... E', ella toda, uma taça de champagne sempre cheia!

E nós, inconscientes, se ella quizer, seguil-a-hemos pela vida toda, até sermos atirados, brutalmente, contra o maior de todos os barbarismos, o modernismo, com toda a sua adoração pelo idolo da moda a "donzella de hoje"...

Joan... Bachante! Bachante, sim!!!

E' o film. Para que continuar?

Ella, afinal, é uma esposa fiel, como muitas e, durante as noites, não vive estes nossos sonhos de loucura, não. Deita-se á hora do costume, bem ao lado do maridinho e acerta o despertador para não perder a hora de entrar no Studio... Fecha-se o album de melodias de Paul Whiteman quando ella entra para o lar...

Mas os filhos do prazer são muitos. Queira ou não queira o seu marido, de todos elles é ella a deusa !

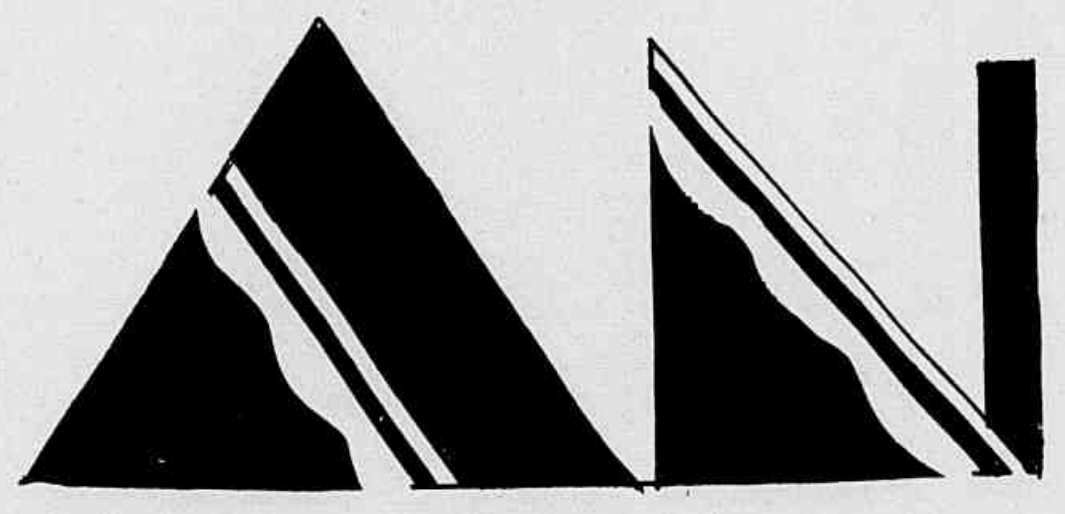
Joan...

Cinco horas da manhã...

Um grupo alegre e bebado que se approxima...

Prazer...

Rapazes em **smocking,** maus caracteres...

Sobre seus joelhos, outras tantas filhas do prazer...

No carro da frente, electrizante e electrizada, a rainha dellas: Joan Crawford!!! Cabellos ao vento, narinas dilatadas, corpo arfante!

Prazer...

Idolos...

Bachante!!!

Joan Crawford!!!

Samuel Goldwyn pediu John Ford emprestado á Fox para dirigir Ronald Colman na versão falada do ultimo successo de Sinclair Lewis, **Arrowsmith.** Sidney Howard fará adaptação. O film é da United Artists.

* * *

A Emelka produziu **Boykott,** sob a direcção de Robert Land. Lil Dagover, Karin Evans, Theodor Loos, Rolf Von Goth, Ernst Stahl-Nachbaur, Wolfgang Zilzer, Erich Nuernberger, Austin Egen e Harry Eertsch, figuram.

* * *

William Boyd, Lilyan Tashman, Wynne Gibson, figuram, juntos, no elenco de **Murder by the Clock,** dirigidos por Ira Hards. Bartlett Cormack adaptou.

* * *

A Atlas Film produziu 1914, um film sobre a guerra mundial, desde o attentado de Sarajevo que precipitou todo mundo na conflagação. O seu director foi Richard Oswald.

* * *

Wilhelm Dieterle, actual director da First National, em Hollywood, foi processado pela Silva Film de Berlim.

* * *

Jack Holt figura no elenco de **The Star Witness,** dirigido por William Wellman e com scenario de Lucien Hubbard. Frances Starr, Chic Sale, Eddie Nugent, Grant Mitchell Moore e Sally Blane tambem figuram.

Pergunte-me outra...

CATHERINE STANLEY E' UMA DAS NOVAS BELLEZAS DE MACK SENNETT!

A. FREITAS (Recife, Pernambuco) — 1. Norma Shearer, M. G. M. Studios, Culver City, California; 2. Joan Crawford, idem.

MORENINHA DE OLHOS NEGROS (Lisboa, Portugal) — Tem razão; ha quanto tempo não tinha noticias suas! O que houve? Preguiça ou falta de tempo?... Se me lembro! Suas opiniões são as minhas, Moreninha. Vou fazer publicar o seu interessante escripto. Todos elles deixaram o Cinema. O primeiro e a ultima, casaram-se. Escreva sempre e de nada.

MARIO ROMUALDO (Bello Horizonte — Minas Geraes)) — Agradeço o recorte. No nosso numero passado demos a noticia, sim e a secção vae ser bem melhorada. Absolutamente: até gosto de qualquer commentario, particularmente quando elle é sensato como o seu. Sua idéa é esplendida e vae ser considerada. Ella me pediu que não desse a ninguem, amigo Mario. Escreva-lhe para a rua Abilio, 26, que é a mesma cousa. Até logo.

FAN-ATICO (Ribeirão Preto — S. Paulo) — Deve continuar, sim, porque não é impossivel realizal-o. Actualmente ella está inactiva, mas escrevendo-lhe para a nossa redacção, rua da Quitanda, 7, ser-lhe-á entregue. Elle é branco e muito sympathico. CINEARTE, aliás, já publicou algumas, em tempo.

MISS ANÇA (S. Paulo) — Nasceu em 1906, a 8 de Fevereiro. O seu nome é esse mesmo. Chamei, porque assim costumo chamar. Zangou-se?

NOEL LUKAS — (Fortaleza — Ceará) — Ora esta! Então eu me vou zangar por causa do "você"?... Deixe disso, seu Lukas! Nós aqui somos todos camaradas. Sei que tem, sim, mas o que quer você saber a respeito delle. Quantas toneladas tem, quantos mastros, etc?... Se é isto, palavra, não sabemos. Já dei os abraços e todos agradecem a sua lembrança.

DOVEMORI (Rio) — Esta pequena está sem trabalho, presentemente. O seu endereço, portanto, é mais do que incerto.

MARQUEZ DE SAINT ROMAIN (S. Paulo) — Meu caro Marquez: sinto, nobre amigo, que CINEARTE não possa dar sua opinião a este respeito sendo uma revista exclusivamente cinematographica.

FERRABRAZ (Recife — Pernambuco) — Agradeço os recortes que enviou. Ao sul dos Estados Unidos. Peça-lhe para Paramount Publix Studios, Hollywood, California, Harold Lloyd tem companhia propria, mas a correspondencia pode ser enviada para lá mesmo. Enviam, sim. Mande, sim; é um assumpto bem interessante e Recife, além disso, aqui é tida como das cidades mais linda do Brasil. E não tem esperanças de que seja o seu ideal realizado? Até logo.

FAR WEST MANIACO (Realengo — Rio) — Morreu, sim, e na mais extrema miseria. O seu enterro foi feito ás expensas de amigos que o fizeram repatriar, depois de morto, dando-lhe abrigo no cemiterio de Hollywood. Citamos a sua morte, Sim. Suicidou-se, por motivos particulares e depois daquelle escandalo que houve com elle, a respeito de bebidas que andava negociando clandestinamente. Ha muito que elle se havia divorciado della.

E ANN CORDAY TAMBEM

BETTY COMPSON

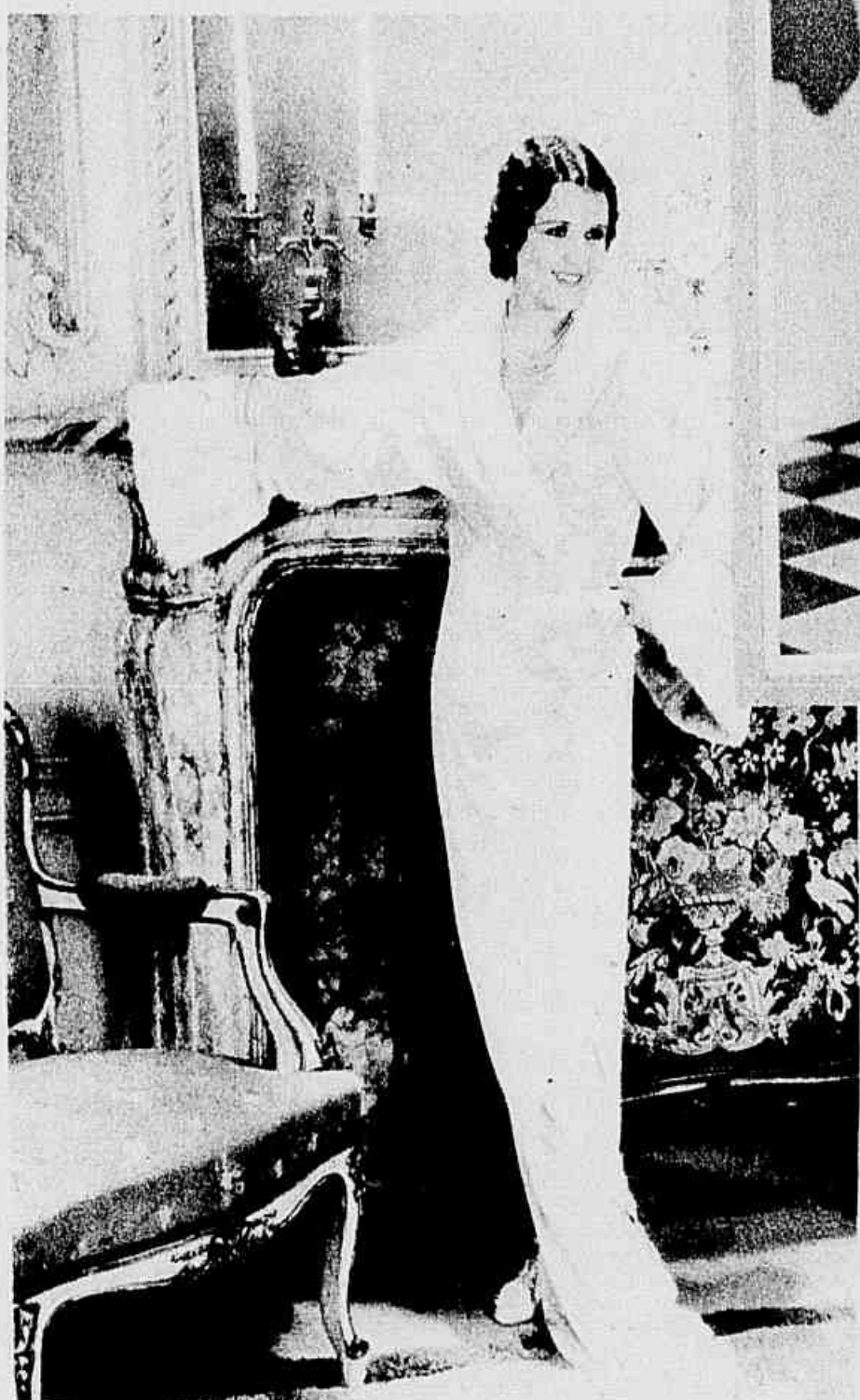
A MODA EM HOLLYWOOD

LITA CHEVRET

JUNE MAC CLOY

MAE CLARKE

JUNE COLLYER

QUEM FOI E QUEM É CHARLOTTE SUSA

Os films allemães, ás vezes, revelam mulheres de esplendidas formosuras, creaturas que chamam a attenção e fascinam, ao primeiro olhar. Entre ellas, Carlote Susa, a creatura da qual tratamos neste artigo.

Ella tem figurado, ultimamente, em alguns films allemães e, as criticas dos mesmos dão a entender, claramente, que a sua personalidade é extraordinaria e optimos os seus desempenhos.

Ella veio do theatro e, dentro delle, mostrou-se igualmente de grande valor. Levou-a para os palcos allemães um artista de theatro muito conhecido, que se apaixonou por ella e, pelo qual, ella tambem se afeiçôou. E, do theatro para o Cinema, o passo foi pequenino, quasi insignificante.

Carlote, entretanto, não é uma mulher vulgar. Foge-lhe esse titulo, porque Carlote tem, na historia do seu passado, alguma cousa a mais que a torna digna de ser citada. Ella foi, antes da guerra e continuou sendo, depois da guerra, uma figura politica de certa relevancia e, de Rosa Luxemburgo, a celebre figura socialista da politica allemã, uma prestimosa auxiliar até que seus idéaes se bipartissem e ella se visse na contingencia de escolher outro caminho, porque desejando Rosa o socialismo como regimen official allemão e querendo ella, Carlote, por via dos seus preceitos politicos, que coubessem á republica democrata o governo, separaram-se.

Nos primeiros dias da agitação profunda que soffreu a Allemanha, depois da queda do Kaiser e da implantação da republica, Rosa Luxemburgo tombou martyr dos seus idéas, fuzilada por adversarios do seu credo. Carlote, entretanto, dentro do regimen implantado, até considerações teve dos seus partidarios e daquelles que ella agitara, tambem, com as suas expressões de fé partidaria.

Perdendo seus paes, quando ainda muito joven, viu-se, no mundo, plenamente desamparada. Não poude mais continuar os seus estudos, depois da morte de sua mãe, que pouco sobreviveu ao marido e, assim, foi forçada a collocar-se como dactylographa num Centro Republicano de Berlim.

Ali trabalhando e ali convivendo com os homens daquelle ideal, compenetrou-se da utilidade dos mesmos e, iniciando-se na sua vida politica, foi, pelos meritos da sua intelligencia, considerada logo uma figura de valor no scenario politico do partido ao qual ella passou a pertencer.

Com o pseudonymo de Albert Philwat, escrevia varias proclamações, cartas e incendiamentos politicos de grande valor que, embora a policia apprehendesse, de nada lhes valia porque não conseguiam encontrar o seu autor, nesse caso uma autora.

Poucos tempos depois, quando a propoganda caminhava intensa, Carlote Susa apaixonou-se por um estudante e tornou-se sua amante, em pouco tempo. Conjugando seus ideaes aos della, tornou-se elle, embora relativamente fraco de espirito, um vehiculador, entre collegas e demais conhecidos, dos manifestos de Albert Philwat e das suas cartas revolucionarias.

Preso, certo dia, quando terminava a sua distribuição de folhettos, e, o que era peor para elle, preso em flagrante, foi conduzido para a policia e, lá, sufficientemente fraco e sem caracter para não se fazer mudo e não trahir a mulher amada, contou logo quem era Albert Philwat e foi posto em liberdade.

Presa Carlote, começou, depois disso, a sua serie de prisões, porque, cada vez que a punham em liberdade, por intercessões politicas de valor ou por cumprimentos totaes de suas penas, voltava ella mais feroz do que nunca á sua propaganda e, de maneira, que em breve tornava ás grades.

Iniciou-se, depois disso, a desorganização do Imperio allemão e Carlote, depois que viu consolidada a nova politica da qual era adepta e, governando, o seu partido, retirou-se da actividade e fundou um jornal conservando, nas columnas do mesmo, a mesma febril actividade que lhe é peculiar e, passando a atacar, declaradamente, os máos elementos da nova republica, com a mesma vehemencia com que, antes, atacava os pessimos imperialistas.

Perseguida, incontinente, porque ninguem mais se lembrava do que ella fizera e, sim, do que ella fazia... teve ella que se refugiar na Dinamarca, durante algum tempo, até que passasse aquella furia tremenda e, mesmo, ameaças de fuzilamento arbitrario.

Lá, entretanto, ainda não socegou ella, conspirava, abertameute, contra os dirigentes da nova republica e, com isso, demonstrava que em seu sangue ainda estava bem quente o desejo de luta que a fazia tão temida pela influencia que tinha e pelo seu prestigio junto a certo eleitorado.

Mais cheia de politica e de attenções para os seus negocios do que para o coração, Carlote pouco ligou a negocios de amor. Entretanto, ás vezes, apparecia-lhe algum apaixonado pelo qual ella dedicava alguns dos seus preciosos momentos. Entre elles aquelle que a denunciara, pela primeira vez.

Socegada, mais tarde, voltando á Patria e já vendo as cousas mais nos eixos que lhe eram bem apparentados, deixou-se, então, emgolphar pela paixão que lhe despertou um joven official que ha muito a perseguia com seus amores. Envolveu-se de tal maneira na vida desse homem que por pouco não o fuzilam como revoltoso... Romperam relações, desde o momento em que elle se enfarou dos seus carinhos. Carlote jamais supportou o pouco caso de um homem...

Dahi para diante, pouco tempo depois, pertencia seu coração á um collega de ideaes, homem de valor e coragem que, infelizmente para ella, que já o amava bastante, viu-o cahir victima de um tiro que o poz por terra, juntamente com seus ideaes.

Depois disso é que ella resolveu ingressar para o theatro e, sob a protecção do seu influente novo amante, fel-o e com grande successo.

Intelligente, culta e emprehendedora, Carlote conquistou desde logo o que queria: poz-se á testa da sua nova carreira com a mesma facilidade com que se punha, antes, á testa de algum grupo do seu partido politico.

Do theatro para o Cinema, o caminho foi curto. Os seus films, em breve, virão nos mostrar a sua belleza um tanto parecida com Vilma Banky e os seus dotes de esplendida artista.

=

"Einbrecher", da Ufa, tem no seu elenco, Lilian Harvey, Willy Fritsch, Heinz Ruhmann, Ralph Arthur Roberts, Kurt Gerron, Oskar Sima, Paul Henckels, Margarethe Koeppke e Gertrud Wolle, sob a direcção de Hanns Schwarz. Erich Pommer é o productor.

* * *

"Das Flotenkonzert von Sanssouci", da Ufa, sob a direcção de Gustav Ucicky, tem o seguinte elenco: Renate Muller, Hans Rthmann, Raul Aslan e Walter Janssen.

* * *

"Sea Eagles", é o primeiro film de George Hill para a M. G. M., de accordo com o seu novo contracto recentemente assignado.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA SUA TECHNICA PARTICULAR

Recebemos do amigo e amador Satiro Borba a seguinte collaboração, a qual temos o prazer de tornar publica para os nossos leitores, devido ás innumeras suggestões e conselhos que ella inclue, para os amadores que são ao mesmo tempo novatos e principiantes. Agradecendo a boa vontade do Sr. Borba, pedimos ao mesmo tempo aos nossos amigos e leitores que apreciem devidamente as suas palavras, visto que, se estas serão de grande interesse para os mais novatos, os mais conhecedores do assumpto pouco terão a perder com a sua attenciosa leitura.

AS VANTAGENS

E' recommendavel que a primeira tentativa de filmagem seja a de um enredo com poucos interiores ou sem nenhum delles. Acontece, porém, que, com a continuação, a construcção de um pequenino "set" se impõe aos amadores decididos, os quaes reconhecerão desde logo não ser esta assim tão dispendiosa como se lhes afigura, visto que as montagens poderão servir para varias vezes, apenas com pequenas e modicas alterações.

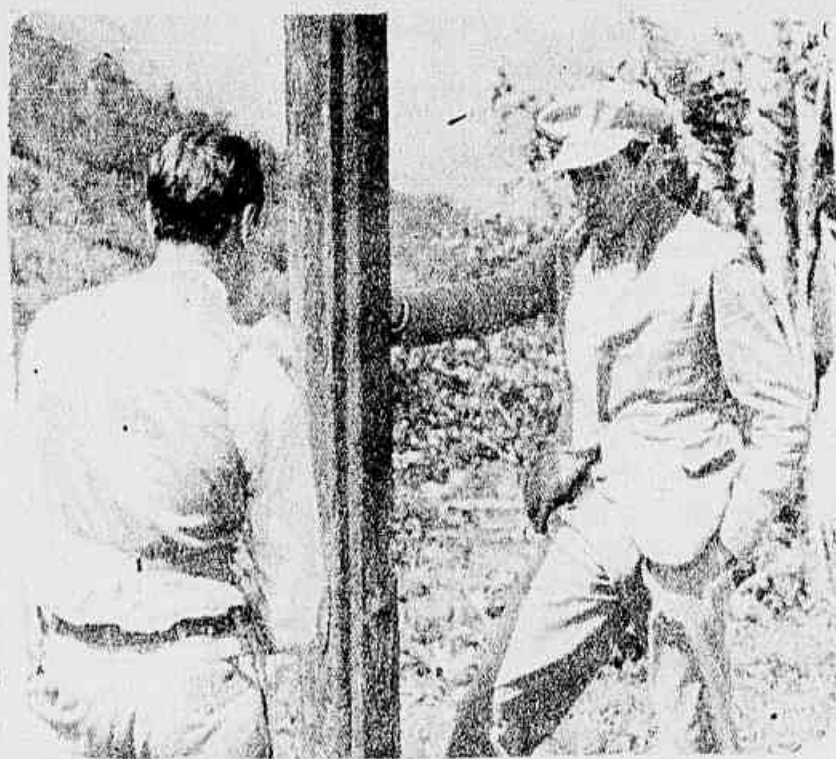
A montagem, isto é, os scenarios artificiaes quasi sempre interiores no Cinema de Amadores, constitue portanto a primeira difficuldade em que esbarra o amador. Ao contrario do que parece, não é, porém, muito difficil a solução do problema. Torna-se mais facil a armação de uma montagem cinematographica do que a pintura e armação de um scenario puramente theatral. A montagem cinematographica compõe-se de tres pa[illegible] ou paredes feitos da seguinte maneira: um quadrado de madeira feito com as dimensões reaes da parede que vae representar, coberto de panno esticado e pintado de uma côr uniforme, de preferencia cinza escuro, e ligado a dois ou mais paineis semelhantes, preparados de igual maneira, afim de completarem o recanto da sala ou aposento onde se irá desenvolver a scena a ser filmada. Esses paineis serão ligados entre si em angulo recto. Entende-se, porém, que a abertura do angulo será dirigida para o ponto mais conveniente.

A montagem deve ser tão simples quanto possivel. Tudo, (porém, que não fôr nella reproduzido, tal como o vemos na realidade, causará pessima impressão ao espectador. Uma janella, por exemplo, terá que ser aberta e contruida no painel, para ser representada por uma janella de facto; se esta fosse apenas produzida por uma pintura imitativa, a pellicula revelaria immediatamente, durante a projecção, qual a sua composição, na montagem do palco cinematographico. E assim com referencia a todas as suas peças accessorias.

"Medo", uma producção em que tomei parte, foi toda ella filmada com um unico scenario interior, tendo apenas dois paineis em angulo e alguns moveis, estes bem poucos, para que não tolhessem o movimento dos artistas. A maior difficuldade que encontrámos foi a illuminação especial que necessitava, por se desenrolarem os factos nella representados á noite. Tivemos por isso de recorrer á luz artificial, o que é muito dispendioso. Accresce que, sendo a montagem um pouco fraca, numa scena em que o galã foi saltar a janella, a cadeira *deu o prego*, e era uma vez um scenario!

Tratando-se, porém, de exteriores desapparecem 90% das difficuldades, ficando ao criterio de cada um escolher as locações mais necessarias.

O GUARDA-ROUPA

No caso da filmagem do Cinema de Costumes, o que, com certeza, não tencionamos fazer, seria mister escrever um tratado sobre indumentaria. Como, porém, tal trabalho ultrapassaria a indole destas modestas "Considerações", abster-nos-hemos de tal estudo para nos restringirmos á filmagem de enredos de caracter actual, o que despensa mais commentarios, ficando sujeita ao juizo de cada productor a indumentaria a ser empregada.

"Regeneração", o film do amador Satiro Borba, que não chegou a ser terminado, devido ao desapparecimento do Cine-Club de Porto Alegre.

Cinema de Amadores

(DE SERGIO BARRETTO FILHO)

OS ACCESSORIOS

Em primeiro logar figuram os accessorios auxiliares da filmagem interior, que é a mais importante, por ser a de mais difficil execução. Imaginemos que o scenario está armado sobre um tablado sufficientemente grande para se poder trabalhar, em um pateo onde se receba luz do sol. O primeiro cuidado será fazer um quebra-luz com fazenda branca, barata, imitando as cortinas de um "atelier" photographico, afim de evitar que a luz do sol incida directamente sobre a scena. Com o auxilio de reflectores, equilibra-se a luz, evitando que sombras muito densas prejudiquem os claros da photographia.

E' aconselhavel o emprego de luz artificial em certos angulos de camara, para cujo aproveitamento se construirão uns postes de madeira, moveis, aos quaes se adaptam algumas lampadas de regular potencia illuminante. Para a filmagem á luz do sol bastam apenas tres ou quatro "rebatedores", que se obtêm forrando paineis quadrados, de 1 metro de largo, mais ou menos, com folhas de estanho. Com o auxilio destes rebatedores, suavisam-se as sombras, evitando-se assim os contrastes mais fortes.

Na conta dos accessorios entra também a "maquillagem" que no caso do amador é representada por uma caixa de pó de arroz "ocre", para tirar o lustro do rosto, e de um "bâton" para avivar os labios da estrella, mas sem exageros.

Tendo preparado o que acima ficou dito, encontra-se o amador apto para produzir o melhor film que possa imaginar. E' verdade que com muito menos trabalho se consegue a filmagem de uma historia, porém desse modo filma-se todo e qualquer enredo de amadores.

A segunda parte da filmagem, a Execução, comporta cinco outros pontos tão importantes como os primeiros. Estudal-os-hemos na proxima semana.

CORRESPONDENCIA

ARNALDO PINTO DE SOUZA (Santos) — O processo de *Positivo Directo*, mais commummente chamado de *Inversão*, já foi, está sendo, e será sempre empregado por mim como o mais pratico e mais rapido, apesar de exigir um cuidado immenso, e nada menos de sete banhos, na seguinte ordem:

1.° — banho revelador.
2.° — lavagem em agua corrente.
3.° — banho de inversão.
4.° — lavagem em agua corrente.
5.° — banho de contraste para os claros.
6.° — banho de contraste para os escuros.
7.° — lavagem final.

Para o banho n.° 1 usa-se uma formula só plenamente conhecida pelas proprias casas productoras. Para o banho n.° 3 usa-se o bi-sulphato de potassio junto ao permanganato de potassio. O banho n.° 5 é constituido apenas de uma solução de bi-sulphito de sodio, ao qual se inclue mais tarde um pouco de hydro-sulphito de sodio, para o banho n.° 6. Do banho n.° 5 em deante, as operações precisam ser feitas á luz natural, ou sob a acção directa de uma lampada electrica de 200 velas. A agua usada para as soluções precisa ser gelada, podendo-se empregar, sem inconveniente, a agua de qualquer geladeira domestica. Essas indicações são para o film Pathé, 9,5 que necessita ser o chamado film de *Inversão* ou melhor dizendo o *Positivo Directo*. Vou redigir um artigo mais detalhado sobre as particularidades technicas do processo, porque a nossa columna de Correspondencia não chegaria para tanto. Tenha paciencia por mais umas semanas, e aguarde melhores e mais amplas explicações. Só podemos responder por aqui. A Camara De Vry poderá ser carregada com film positivo directo de 16mm, logo pode dar o film de *Inversão*.

Hobart Henley dirigirá *Mouthpiece*, tendo Warren William como protagonista.

Lionel Barrymore renovou o seu contracto com a M. G. M., depois do papel que a critica consagrou, em *A Free Souk*. Apenas para representar, entretanto e... felizmente!

Robert Florey, director francez que nos Estados Unidos e na França já fez films, escreveu livros e tem pintado o caneco, ainda, foi contractado pela Universal por longo prazo.

Danger Island, film seriado da Universal, terá Kenneth Harlan como protogonista e Ray Taylor na direcção.

A tela em revista

Wm. Haines e Leila Hyams em "Ella disse não"

HAROLDO TREPA-TREPA — (Feet First) — Film da Paramount — Producção de 1930.

Harold Lloyd faz apenas um film por anno. Os seus argumentos são sempre escriptos por seis ou sete bons *gagmen*, e, depois, o scenario burilado por outros tantos especialistas do riso. A producção é feita com socego, com toda a calma e os resultados obtidos são vistos, dez vezes, antes de approvados. Se desagradam, voltam a novas filmagens... Não é para admirar, portanto, que sejam bons os seus films.

Este, apesar do titulo que é absolutamente infeliz, na adaptação que lhe arranjaram, é um bom film, apenas, quando poderia ter sido optimo. Dizemos isto, porque é fraco em algumas situações e a sua graça nem sempre é engraçada. Entretanto, para o publico em geral, é uma gargalhada do principio ao fim e, para o apreciador de melhor Cinema, um bom film, realmente. Além disso, rapido e pouco approximado da technica de Cinema falado. O dialogo é occasional e apenas um appendice.

Os *gags* são bons. Cital-os, seria tirar a curiosidade de os ver. Na loja de calçados, no transatlantico e naquelle *club* aristocrata, estão piadas que os farão rir á vontade. Quasi todas felizes e algumas ineditas, mesmo. Aliás, dizem que elle costuma pagar até 100 *dollares* por uma boa "bola"...

Elle, Harold Lloyd, sempre engraçado e igual na sua representação. Barbara Kent, sua companheirinha de *Harold Encrencado*, apparece novamente e agrada. Alec B. Francis empresta um pouco da sua personalidade e Robert Mc Wade, Lillian Leighton e Noah Young completam o elenco. Arthur Houssman faz com felicidade um "pau dagua".

As scenas da escalada ao "arranha-céo", já vistas em *O Homem Mosca*, não são as melhores do film. Apesar de cortadas, são longas. Mas ainda causam hilaridade entre os poucos habitados com este genero... E' o *climax* do film. Mas o resto delle é melhor. O final é interessante.

Assistam, que vale a pena.

John Grey, Alfred A. Cohn e Clyde Bruckman (aliás director do film, tambem), escreveram o argumento. Felix Adler, Lex Neal e Paul Smith, o scenario. Walter Lundin e Henry Kohler, operaram.

Cotação: — BOM.

AS TRES FRANCEZINHAS — (Those Three French Girls) — Film da M.G.M. Producção de 1930.

Reginald Denny e Fifi Dorsay em "As tres francezinhas"

Uma farça engraçadissima que é uma satyrica continua aos francezes e inglezes. Do principio ao fim é farça. Apresenta situações exaggeradas, comicas a valer, todas ellas e cahe um pouco em intensidade do trecho em que apparece o tio de Reginald Denny até ao fim. A scena do *cabaret*, mesmo, poderia ter sido muito melhor explorada.

O principio é uma verdadeira loucura. Impagavel! A sequencia da prisão é gosadissima e, nella e no restante do film, Cliff Edwards, o "Ukelele Ike", como é mais conhecido, domina o assumpto com a sua personalidade e faz cousas que só mesmo assistindo. O final daquelle primeiro jantar no castello de Lord Ippleton, por exemplo, é verdadeira maluquice, mas a cousa mais engraçada que já vimos em films deste genero.

Reginald Denny, depois de Cliff, é um seguro elemento para garantir o successo da farça. Está esplendido. Fifi Dorsay, Yola D'Avril e Sandra Ravel, são as francezinhas. Fifi e Yola, esplendidas, particularmente a primeira, que não é bonita, mas muito graciosa, muito interessantesinha. George Grossmith, como conde e Edward Brophy, como amigo de Cliff, esplendidos, tambem. Para os que entendem inglez, os dialogos de P. G. Wodehouse têm muita graça, muita pimenta e trocadilhos felicissimos.

Harry Beaumont dirigiu. A sua direcção é que elevou o fragil assumpto ao nivel de regular em que se acha. Não operou milagre algum, mas imprimiu-lhe o cunho de distincção e belleza peculiar aos seus trabalhos. O argumento é de Dale Van Every e Arthur Freed. O scenario, de Sylvia Thalberg e Frank Butler. Merritt B. Gerstadt operou.

Cotação: — REGULAR.

☧ Como complemento, "Sem novidade na frente Canina", da M.G.M., com cachorros falando hespanhol. Droguissima que não consegue um sorriso, sequer. Estes cães ainda acabam prejudicando a fama do "leão"...

ELLA DISSE QUE NÃO! (The Girl Said No) — Film da M.G.M. — Producção de 1930.

Uma comedia esplendida e o melhor film da semana. De William Haines, então, uma das melhores cousas que elle fez para a *camera*.

Ha, neste trabalho do director Sam Wood, tudo quanto se possa esperar de um film neste genero e até, para ainda mais elevar o valor do film, um trechosinho sentimental, muito delicado, que só elle vale o espectaculo, aquelle quando William Haines volta de uma "farra" e encontra o pae morto.

Sequencias comicas, então, innumeras e cada qual mais engraçada. O principio é uma apresentação genial do heroe. Em seguida, naquelle *restaurant*, as proezas delle, auxiliado pela graça de Henry Armetta, valem formidaveis gargalhadas. Dahi para deante, com comedia, trechos de farça, mesmo, sentimento e sensualismo, mesmo, como naquella scena no quarto de Leila Hyams, quando elle a agarra e a beija, a força, o film sustenta-se admiravelmente, muito bem equilibrado e muito bem conduzido pelo esplendido director. Quando Marie Dressler apparece, naquella sequencia unica, com William Haines, a graça toca ao auge e Marie quasi rouba o film... O final tem *punch* e é bom.

William Haines, o mesmo de sempre. Este, entretanto, é o seu melhor film falado e um dos melhores que já fez. No argumento do optimo scenarista A. P. Younger e na continuidade de Sarah Y. Mason, encontrou elle margem demais para se mostrar e, dentro das suas molecagens todas, ha o seu profundo senso artistico, promptamente revelado quando a situação requeira. Um artista que faz muita gente se converter ao Cinema, este Billy!

Leila Hyams, suave e bonita. Desempenha bem o seu papel. Francis X. Bushman Jr., dentro do papel, excellente. E' um typo "peroba", "cacete", mesmo, como pedia o argumento.

Polly Moran, sem muita opportunidade, bem. Marie Dressler, o que já dissemos. A sequencia em que ella toma parte, aliás, é uma das mais curiosas que o film tem: Clara Blandick, William V. Mong, William Janney, Junior Coghlan, Phyllis Crane, Agostino Borgato e Herbert Prior, apparecem.

Boa photographia de Ira Morgan.

Cotação: — BOM.

OS DANSARINOS — (The Dancers) — Film da Fox — Producção de 1930.

O thema da velha peça de Gerald Du Maurier e Viola B. Tree, novamente photographado e vivido, num film, desta vez por Phillips Holmes, Lois Moran, Waltere Byron e Mae Clarke.

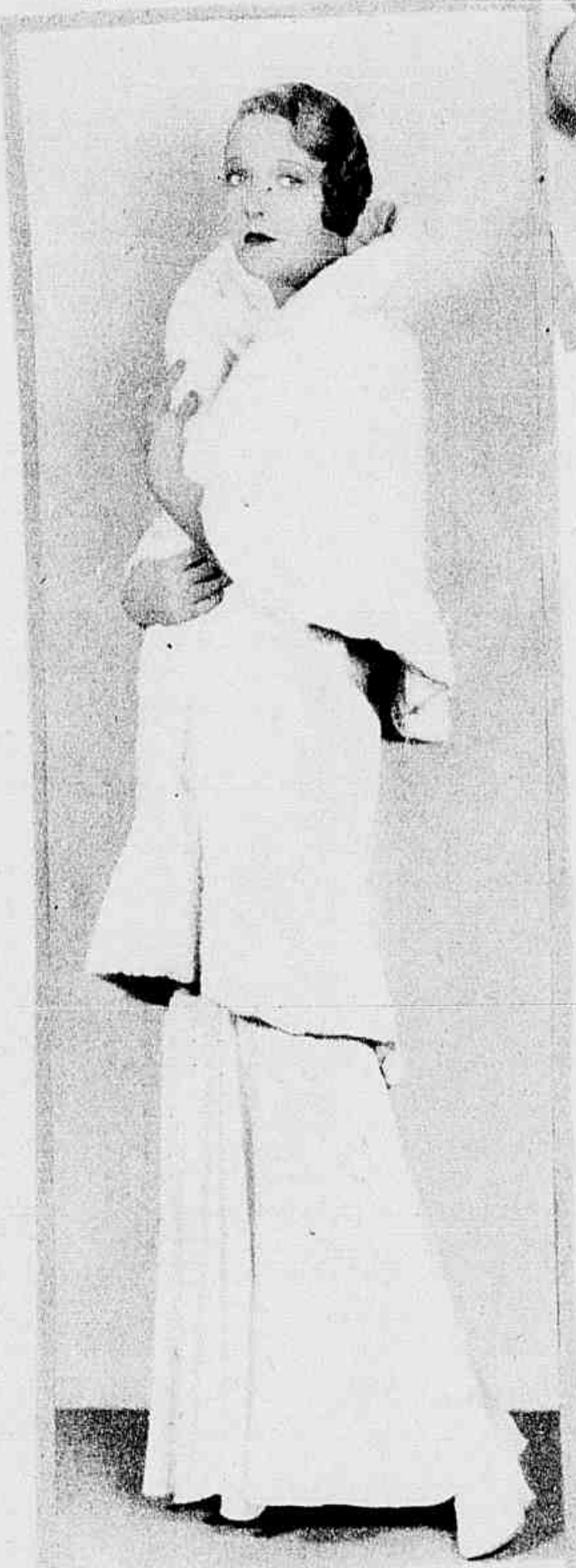
E' do mesmo valor da versão silenciosa, de ha annos, com Alma Rubens, Madge Bellamy e George O'Brien. A adaptação de Edwin Burke e a direcção totalmente theatral de Chandler Sprague não conseguiram fazer um film acima do commum.

Lois Moran, bonitinha e "arroz doce", como sempre, não interessa. Mae Clarke, regular. Alma Rubens faz saudades... Phillips Holmes... Só mesmo vendo-o sob a direcção de Von Sternberg, em *An American Tragedy*.

O "sacrificio" de Lois Moran não dá para commover.

Cotação: — REGULAR.

☧ Harry Carey, desligado da M.G.M., fará uma serie de films de *far west* para a Tiffany e um seriado para Nat Levine, productor independente.

☧ John Wayne, tendo terminado seu contracto com a Fox, assignou um novo e importante com a Columbia, pelo praso de cinco annos. O primeiro film sob o mesmo, será *Arizona*, que está fazendo ao lado de Laura La Plante e dirigido por George B. Seitz.

Dorothy Mackaill no inverno...

MARROCOS

(Continuação do numero passado).

Entrando pelo seu camarim, Amy viu logo que havia o mesmo soffrido transformações. Flores estavam espalhadas por todos os lados. **Bouquets** enormes **corbeilles** pesadissimas e caras, principalmente ali naquella cidade. Tudo tinha certo gosto e apresentava bastante conforto. Ia perguntar por aquillo, principalmente pelo que significava, quando viu, sobre uma jarra, um escripto.

Olhou avida o enveloppe.

— **Mademoiselle** Amy —

Abriu. Na parte de cima, da folha, havia um brazão de nobreza. A inscripção era latina e o nome que se seguia era "La Bessiére". Leu, sempre afflicta.

— **Mademoiselle** estimada.

Está tudo arranjado. Elle está livre da côrte marcial e, neste momento, está completamente livre, mesmo. Acceite estes meus sinceros votos de felicidade e tambem, marque-me um encontro para esta noite, sim?

Em seguida vinha a assignatura. G. La Bessiére.

Dos dedos insensiveis de Amy cahiu a carta para o chão. Tom estava livre! Que cousa admiravel! Mas... "esta noite", o final daquella missiva... Deixou-se cahir molemente sobre a cadeira do penteador. Ainda de olhos fixos no infinito, começou automaticamente a se **maquillar** para a primeira exhibição daquella noite.

Marrocos, naquella noite, já conhecia a fama de Amy, espalhada pela cidade toda, naquelle dia tão agitado para ella e tão rapido. A sua apparição, no palco, foi uma cousa sensacional, mais sensacional, ainda, pela sua apparição já applaudida antes della surgir e toda feita num ambiente de intensa animação e enthusiasmo sem nome. Os seus gestos e os seus sorrisos, entretanto, eram mechanicos, profundamente mechanicos e estudados. Não haveria naquella noite, para interesse seu, alguem que a applaudisse, freneticamente, como **elle** o havia feito, na noite passada... Aquella noite, depois de cessado tudo, ella precisava pagar uma divida...

O seu numero nostalgico, cantou-o ella com o mesmo ardor e vida de sempre. Coincidia com o seu estado de alma. Quando terminou, os applausos tocaram as raias do feroz. Nos bastidores, Lo Tinto achegou-se a ella.

— **Cherie**, que pequena de bôa sorte é você, **Cherie**!!! Tem a cidade aos seus pés, inclusive **elle**... Agora elle está lá dentro, sabe? Jamais vi alguem de tanta sorte, em toda minha vida. O homem mais rico de Marrocos, **per la Madonna**!!! Não me esqueca nisso tudo. **Cherie**, não me esqueça... Você o encontrou no **meu** theatro, lembre-se disso...

Amy, ouvindo-o, passou por elle como se passasse ao lado de um animal sem prestimo. La Bessiére, immaculadamente vestido, como sempre, irreprehensivel no minimo detalhe, ergueu-se quando ella entrou em seu camarim. Não disse palavra. Encaminhou-se para ella, pegou-lhe a mão que ella estendia e beijou-a com veneração.

— Suas flores são um encanto, **Monsieur!**

Disse-lhe ella, quando elle lhe deixou a mãozinha. Depois dirigiu-se ao espelho e poz-se a retocar a **maquillage.**

— Tem novas a respeito delle?

Perguntou ella, simplesmente, numa voz que era a affectação viva da naturalidade...

— Nada de certo. Penso que elles o troquem de guarnição...

Quasi o desmaio cegou os olhos della, ouvindo estas palavras frias, despidas do colorido que ella desejava que tivessem. O seu rosto trahiu-a.

— Ama-o?...

Perguntou La Bessiére, avançando para ella um passo e evitando que ella cahisse.

Amy levou as mãos ao coração. Devia áquelle homem uma resposta honesta. Examinou seu rosto no espelho e, intimamente, fazia-se cheia de perguntas varias:

— Não sei...

Respondeu ella, seccamente, continuando.

— Espero que ainda não...

O rosto de La Bessiére não mostrou resentimento algum.

— Pouco liga você á vida, não é assim?

Forçava, sem geito, a mudança de assumpto que urgia. Amy, com signal de pouco caso, arrematou.

— Já me acostumei á isso...

Do seu bolso, La Bessiére tirou uma caixa de velludo, contendo uma preciosa joia. Era um bracelete pesado de brilhantes e rubis, todos incrustados em platina. As pedras não pesavam menos do que duas grammas, cada uma. A' luz das lampadas, brilharam, intensamente. Elle apertou o bracelete no pulso della.

— E' lindo!

Exclamou ella antes que sua vaidade de mulher se lembrasse de reter a exclamação.

— Custou fortuna, não?

La Bessiére deixou a caixa sobre o penteador. Seus olhos espelhavam a sua alegria intima. Rapida ella se voltou para elle:

— Não sei se o deva acceitar...

Por momentos estudou silenciosamente o bracelete. Lembra-se, sem querer, das tres photographias que estavam penduradas das paredes da sua casa e, das circumstancias das mesmas. Tirou o bracelete, depois da onda de pensamentos e, de novo, collocou-o na caixa. La Bessiére, sem trahir emoção alguma, olhava-a, apenas, espreitando o menor dos seus movimentos. Sentia-se certo de si mesmo, garantido no seu triumpho. Tirou da cigarreira um cigarro, accendeu-o, sentou-se e poz-se a fumar. Esperava que ella o encarasse.

No **hall** soaram passos. Ambos os ouviram.

Não houve pancada alguma á porta, mas ambos ali estavam á espera de alguma cousa. Mas ninguem entrou. Amy não prestou mais attenção. Pensava apenas no seu homem e tudo quanto lhe offerecia aquelle outro que ali aos seus pés estava, pouco lhe importava.

— Gostaria de tiral-a daqui...

Disse brandamente La Bessiére.

Sem resposta, calma, Amy dirigiu-se ao seu vestiario, correu a cortina e começou a trocar de vestido. Preparava-se para a canção da maçã. Tentava acalmar a si propria diante das propostas que ella sabia ir ouvir e que já com ellas contava, ha muito... Veiu detraz da cortina, depois de estar prompta, sentou-se numa pequena **chaise longue** e atirou um chale sobre as pernas nuas.

— O que é, afinal, que você me está offerecendo?

Perguntou-lhe ella, rapida, numa voz compassada e seria.

— Uma cousa convencional, talvez, mas sincera...

Disse elle e fez uma pausa mysteriosa, enclausurada num riso enigmatico. Depois arrematou serio e seguro do que dizia.

— Casamento!

Sem o querer, embora, Amy surprehendeu-se violentamente. Era o que menos esperava daquelle homem e, mesmo, a unica cousa no mundo que não esperava ouvir delle. Viu, claramente, naquelle segundo de reflexão, que, naquelle homem, o que tamara por calculados lances de tactica conquistadora, não eram mais do que solicitas demonstrações de serio e honesta sympathia amorosa.

— Você é um homem exquisito.

— E' exquisitisse ter por si um grande amor?

— Isso não digo. Até acho natural, porque são raros aquelles que me não dizem isso... Mas... casamento... Francamente achei que tivesse ouvido mal...

— Mas não ouvio, não, minha querida Amy. Eu disse casamento e repito. Quero ter a honra de ser seu marido.

Havia profunda calma e cega intenção nas palavras de La Bessiére.

— Você tambem é heroe, La Bessiére. Eu não tenho valor algum e não sou premio tão grande para merecer tamanho sacrificio, você bem sabe disso...

Olharam-se nos olhos, bem depois da resposta della.

— Olhe-me!

Continuou ella.

— Não sou velha. Tenho vinte e sete annos. Mas já vivi muitas vidas, em muitos logares. O que, afinal, sabe você a respeito de minha pessoa?

E riu-se, nervosamente, sem poder conter o choque intenso dos seus nervos.

— Nem eu propria me conheço...

Terminou, num resto de riso hysterico. A porta abriu-se, naquelle instante e Tom Brown entrou. Eram seus os passos que elles haviam ouvido, minutos antes. Estivera ouvindo, sem forças para dali se retirar. Ouvindo seus passos, não o haviam visto e nem descoberto. Estavam por demais immersos nos proprios pensamentos para que tempo tivessem para pensar em outra qualquer cousa. Ficou ali, escondido, sem ainda ser presentido. Precisava ouvir o resto daquella conversa... La Bessiére accendeu um novo cigarro.

— Ninguem se conhece a si proprio...

Naquelle momento Amy fazia conjecturas sobre o que seria, para ella, ser esposa de La Bessiére. Levava, ainda que não quizesse, profundamente a serio a proposta daquelle homem distincto que a fitava com honestidade. Rico, illustrado, fino, viajado, elle offerecia todo seu conforto para ser desfrutado por ambos em uma ligação legalisada para sempre. Pensou em seguida em Tom Brown e tudo o que sentia por elle, nascido na noite anterior, ainda estava quentinho dentro do seu coração. Sua resposta foi quasi um murmurio indistincto.

— Devo dizer não... Mas gostaria de responder sim...

Antes de formular sua resposta, La Bessiére fez uma pausa. Depois falou.

— Se você acceitar ser minha esposa, Amy, eu me sentirei orgulhoso de si, exactamente como você é, sem sequer pensar no seu passado ou no seu presente. E' isto apenas, o que ainda tenho a accrescentar a minha proposta.

O coração de Amy esquentou-se, gostosamente, como se sentisse uma sensação de doce alivio. Era um homem differente dos outros aquelle que tinha diante de si. Parecia-lhe incrivel, mas era a verdade, evidenciada claramente naquella distincta e correcta proposta que elle lhe fazia. Homem algum jamais lhe havia proposto aquillo que La Bessiére propusera...

— Não quero que decida agora, Amy. Posso esperar, perfeitamente, até que fale o seu coração.

Amy, sentando-se, abatida, diante de tanta emoção, continuou, profundamente chocada.

— Por que esperar? Não ha para mim problemas. Ha para si, isto sim... Qualquer mulher seria uma tola em hezitar nesta resposta...

Ouviram-se passos e, em seguida, uma voz vinda da porta. Era de Lo Tinto.

— **Mademoiselle** Amy, cinco minutos, apenas!!!

Voltaram-se ambos para a porta e ahi deram com a presença de Tom.

Amy, mal refeita do choque que lhe causara a extranha e ao mesmo tempo delicadissima proposta de La Bessiére lhe causara, ficou como que fulminada.

— Sinto me ter assim intromettido aqui. Desculpem-me! Acabo de sahir do quartel...

Se emoção elle sentira no que acabara de ouvir, escondia-a bem, muito bem... Seu rosto era absolutamente frio, completamente impassivel, naquelle momento. O coração de Amy confrangia-se todo. Ella se ergueu e dirigiu-se para elle. La Bessiére tambem o fez e apanhou seu chepeu.

— Creio que têm alguma cousa a dizer, um ao outro...

Disse elle em tom cordial, calmo e sem preoccupação alguma. Curvou-se para a mão de Amy, beijou-a com a mesma suave meiguice de ha pouco. Accrescentou, antes de os deixar.

— Voltarei mais tarde, Amy.

Estendeu-a depois a Tom que a apertou com força e effusividade.

— Felicidades, amigo. Posso lhe ser util em qualquer cousa?

— Sem duvida!

Exclamou Tom com jovialidade.

— Dê-me um phosphoro, sim?

La Bessiére estendeu-lhe o isqueiro. Tom tragou forte. La Bessiére embolsou o isqueiro, poz o chapeu, tornou a saudar e sahiu do camarim, deixando-os absolutamente sós...

— Então, pequena...

No seu rosto, quando caminhou para elle, havia qualquer cousa de profundamente commovida.

— Por que veiu?

— Porque...

Fez o supremo esforço para comprehender a intenção clara da pergunta.

— Para lhe dizer adeus.

Sua cabeça controlou mal um impulso que a atirava áquelle homem, irresistivelmente. Ella se voltou.

— Pois diga-o e vá!

Disse, com brevidade intensa na voz. Tom estudou-a por alguns segundos. Intimamente passava por outra maior luta, ainda...

— A primeira vez já tinha você razão. Para você será realmente bem melhor que eu me vá.

Ella o viu voltar-se e dirigir-se á porta. A offerta de cassamento que La Bessiére ainda ha pouco lhe fisera ainda lhe occupava todo cerebro violentado por tamanhas sensações, num tão curto espaço de tempo. A lembrança de um Principe que lhe fizera a mesma proposta, entretanto, invadiu-a amargamente, naquelle momento, decisivo. Ella descobrira, afinal, que elle já era casado... Foi esta simples recordação que afas-

(Continúa no fim do numero)

Divino Peccado

(FIM)

— Ama-me, não é assim?

Exclamou elle, tocado violentamente pela singeleza da offerta e pela noção do quanto de sacrificio era capaz aquella creatura.

— Você bem sabe o quanto eu te amo!

— Pois eu vou acertar esse negocio de cheques e, depois, emprestarei de Gibson o dinheiro necessario para irmos para New York. Arranjaremos, lá, um pequenino e bonito appartamento e lá viveremos socegados a nossa vidinha.

— Diz você, com isso, que eu vou ser sua companheira nessa luta a sós que você vae encetar?...

—Sim.

— E quando seu pae souber que não estamos casados?

— E' justamente essa a questão, querida: nós não nos vamos casar...

Ferida, agoniada, ella recuou alguns passos.

— Mas Steve... Você não póde fazer isto contra mim! Você não me ama, você não me quer?...

— Sim e muito, querida.

— E apesar disso continuas pensando assim, querendo desgraçar-me dessa maneira?

Elle jamais pensara encontrar uma garota assim em sua vida toda, especialmente num **cabaret**. Apesar de a querer, o seu sentimento era esse e de outra forma a sua moral não via a situação. Ella recuou. Elle fez o que foi possivel para convencel-a a não o abandonar, justamente naquelle instante. Vendo que ella não cedia, profundamente maguada, Steve cedeu. Prometteu-lhe que se casariam, assim que resolvesse o caso de Gibson e, com isso, teve-a proximo de si e novamente feliz, apesar do que elle lhe dissera ainda ha pouco. Sahiu elle e deixou-a aprompiando tudo para o casamento. Elle, entretanto, não voltou. A' sahida, dois vultos atiraram-se sobre elle, e, envolvendo-o numa capa, carregaram-no para bordo de um navio que largou para a China, incontinente.

Trevelyan, um capitão que a cobiçava, encontrando-a agoniada, a espera de Steve, disse-lhe mystificando a verdade, que elle fôra para New York, em companhia do secretario de seu pae e que, rindo-se della, partia para lá afim de se casar com uma das mais ricas herdeiras da cidade. Chocadissima, embora, Angie não perdia a fé no seu querido. A confirmação de Gibson, entretanto, foi alguma cousa que a poz titubeante.

Dali para deante, embebedando-se continuamente, começou ella a descida para um degráo, na vida, que só a poderia levar á mais tremenda e aviltante das derrocadas...

———

Em Shangai, constantemente bebado, levando uma vida que era uma miseria das mais hediondas, Steve, um dia, encontra-se com uma mulher que, igualmente desgraçada, offerecia-lhe de beber. Olhando-a, depois do trago, reconheceu elle, nella, num momento de sensatez.

— Angie!!! Você?...

—Angie?... Eu sou Gloria.

— Não! Você é Angie, de S. Francisco!

— Quer? Pois bem: sou! Aqui, cada qual tem o que quer e como quer...

Depois, violentamente, discutiram ali todas as maguas. Arrependida, ella lhe contou toda a sua miseria, toda a sua desgraça, desde o momento em que duvidara delle, pelas insinuações de Trevelan e, o que era peor, contou-lhe a sua desgraça qual era... Terrivelmente chocado, embebedaram-se, até ao ultimo e, finalmente, resolveram ligar novamente as vidas, até que a morte ou uma qualquer felicidade as attingisse de novo, por acaso. Depois, tocado de profundo odio contra si mesmo, contra o mundo, não a podendo supportar assim impura, ao seu lado, elle atirou-a ao chão, violentamente e, surrando-a, até deixal-a inanimada, gritava, exasperado, cahindo, depois, em profundo pranto.

— Limpar! Limpar! Limpar!!!

E, quando os espiritos novamente se aclararam, resolveram de vez juntarem-se, para reconstruirem as vidas assim miseravelmente deturpadas.

———

Um anno depois, um anno de felicidade, Trevelyan veiu encontral-os, em Hawaii, felizes, sem ter Steve tomado mais uma gotta de alcool e tendo ella sido a mais amorosa e a mais feliz de todas as esposas.

Aquella ameaça, ali, justamente naquelle dia, era alguma cousa desagradavel que não podia deixar de sentir a pequenina Angie. Malicioso e mau, como sempre, Trevelyan contou-lhe que uma tia e um tio de Steve achavam-se na cidade, chegados pelo mesmo vapor e que, por este ainda, tambem viera sua esposa. Mas disse-lhe que sua esposa para elle nada representava e que ella, ao contrario, era tudo quanto elle de mais desejava, nesse mundo. Angie repelliu a sua insinuação, mas antes que tempo tivesse tempo para reagir, já elle a tomava nos braços e a trazia ao encontro do seu peito, procurando beijal-a. Violenta, tomada de grande força, ella o repelliu, entretanto e pol-o para fóra de sua casa. Quando Steve chegou, ella lhe contou tudo que se passara e, ainda, o sophisma que largára elle de que os tios de Steve ali estavam e que elle sentia-se envergonhado de os apresentar á ella.

Elle revoltou-se contra a attitude daquelle homem, mas concordou que seus tios estavam e que elle não os havia querido trazer á sua casa para os apresentar á sua esposa. Elles lhe vinham dizer que o pae de Steve achava-se muito doente e que, sabendo da sua regeneração, queria que elle voltasse para retomar seu posto ao lado daquelle que era o responsavel pela sua existencia. Chocada com isto e pensando, certa, que Steve arrependia-se de ser seu esposo, Angie resolve usar de um estratagema para fazer com que elle parta com os seus tios, conseguindo assim, fazer com que elle volte para conforto e para a felicidade, embora com sacrificio da sua existencia. Certo de que elle não acompanharia os tios, porque, afinal, embora querendo ao pae elle mais amava a esposa, ella resolve fingir-se apaixonar por Trevelyan, unico meio de afastar Steve de si. Cego de colera, sabendo-a assim, elle resolve punil-a a chicote. Nota, entretanto, que tudo não passara de um estratagema e, assim, mais orgulhoso della do que nunca, elle sene-se feliz em ser seu marido. Elle parte e ella fica, por seis mezes, até que se resolvam as cousas com seu pae.

Seis mezes passados, Trevelyan apresenta-se a Steve. O primeiro impeto deste é atirar-se áquelle homem, fazendo-o soffrer pelas suas canalhices. Entretanto, averigua, com assombro, que elle nada mais é do que um elemento da policia posto por seu pae em vigia aos passos do filho e, além disso, chamado Mc Intyre. Elle traz Angie comsigo e entrega-a aos braços saudosos do marido. Felizes, ambos, juntam-se á felicidade do velho pae que tambem já aprende a amar aquella filha.

———o———

Chandler Sprague, director de **Os Dansarinos**, film da Fox recentemente exhibido, terminou seu contracto com a Fox e deixou-a por não ter a mesma renovado o mesmo. Parece que elle irá dirigir na Inglaterra. Boa Lola!...

MARROCOS

(Continuação)

tou La Bessiere immediatamente do seu cerebro. Lembrou-se, ainda mais, da cruel injustiça que haviam feito áquelle pouco mais que rapaz e, num segundo, permittiu que a tempestade toda dos seus sentimentos retidos se desencadeasse com todo furor do seu sensualismo mal disfarçado.

— Não, Tom, não!!!

Correu para elle, rapida, enlaçou-o furiosamente e apertou sobre os labios delle, frios, a sua bocca repleta de ardor e sangue.

— Aperta-me! Tem-me bem perto de ti!!! Leva-me comtigo!!! Sei que sou maluca, que sou absolutamente doida, mas leva-me comtigo, querido, vida dos meus sonhos, anseio de toda minha existencia!

Tom apertou-a com intenso ardor. A sua propria intima resistencia desfez-se como gelo ao sol. Horas sem fim haviam creado nelle uma ansia pôr aquella mulher que aquelle momento mais angustiosa ainda tornava. Beijou-a uma vez, duas, muitas vezes. Em cada beijo augmentava o ardor e em cada beijo, mais soffrego um do que o outro, procurava elle matar a sêde da sua mocidade e, ella, a saudade da vida que havia tanto não lhe sorria assim... As almas de ambos tocavam-se na troca de labios que ambos faziam com rapidez, sêde e furia...

Quando Tom a largou dos braços, tombaram no terreno da razão. Amy voltou para o espelho, recompoz sua pintura arrancada pelo impeto amoroso daquelle escontro.

— Saiba, querida... Eu sei a maneira melhor de atravessar a fronteira, sabe? Podemos fazel-o á noite, daqui a pouco, mesmo. Eu posso. Mas não o farei **sózinho**. Você me acompanha?

De uma cousa Amy tinha a certeza, apenas. Do fogo que a consumia, intimamente. Ser fiel áquelle homem, o seu homem, era dever da sua alma enamorada. Elle, mais do que nunca, revelava-se o homem que ella sempre tivera dentro dos seus sonhos. Um homem, o primeiro, aliás, que ella amava acima de todas as forças do seu raciocinio...

— Quero!

Respondeu ella com sinceridade e havia a mais pura verdade e certeza na sua resposta.

Soou nova pancada á porta. Amy perguntou com surpresa:

— Quem é?

— Está prompta, **Mademoiselle**?...

Era Lo 'Tinto. Amy voltou-se para Tom. Apanhou-o entre os braços, apertou-o costra si, deliciosamente amorosa, bem perto do seu coração que o queria mais do que ao resto todo do mundo, da vida e da razão. Depois de um delicioso encontro de labios, deixou-o, para sahir.

— Espera-me aqui, sim?

Havia nos seus olhos a submissão da escrava e, ao mesmo tempo, o fulgor intenso do vulcão apaixonado que a consumia toda. Fechou a porta atraz de si e seguiu para o baile.

Tom mexeu-se, por ali, como alguem que procura se aquecer de uma rajada de vento de inverno.. Mas, intimamente, estava contente. Era o camarim della, aquelle! Aquellas bonecas engraçadas, aquelles jarros e aquellas flores, tambem eram della. No penteador, Tom apanhou qualquer cousa que lhe chamou a attenção. Era a sua caixa de joias de fantasia, para palco. Apanhou o tubo de pasta para pintura e esteve olhando aquillo tudo com apparente curiosidade, emquanto seus pensamentos voavam de um polo ao outro. Acabou vendo a caixa que La Bessiere havia pouco deixára e a joia que ella continha. Era de inestimavel valor, sem duvida. Era preciso muito dinheiro para queimar uma tão grande porção, assim á toa, apenas para galantear uma mulher... Tom aborreceu-se com a lembrança de La Bessiere que lhe accorreu ao cerebro. O que teria Amy respondido á sua proposta de casamento? O que seria?

— Qualquer mulher tola seria se rejeitasse...

Lembrou-se elle muito bem... Isto para elle significava claro que ella tinha admittido a idéa daquelle casamento.

— Eu... O que lhe posso offerecer?

Cogitou, amargamente. Era uma pergunta, a primeira talvez, plenamente gerada no amor enorme que votava áquella creatura.

— Nada!!!

Era a unica dura resposta que encontrava, principalmente dentro dos seus bolsos absolutamente vasios... Além de nada, a desgraça. Tornar-se-ia desertor da Legião. Seria, para elle, se fosse escontrado, a morte. E o que seria della, depois da sua morte?

— E' isto que exijo della, que espero della?...

Pensou elle, ainda com maior amargura. Depois que seus dias de mocidade haviam passado, com sombras de tragedia, Tom pouco ligava á vida. Muitas mulheres elle havia enganado sem o menor escrupulo. Tivera aventuras frivolas e as tivera sérias, tambem. Mas Amy, naquelle momento, principalmente, para elle não era a mesma creatura como o haviam sido as outras todas que havia conhecido. Offerecia-lhe, contrabalançando com a fortuna e a alliança de La Bessiere, pobreza, lutas, desgraça. Apossou-se delle, naquelle momento, a melhor porção da sua natureza corroida por um mau passado e um pessimo presente. Encaminhou-se para o espelho do penteador de Amy e, com a pasta de pintura que ali havia, escreveu no mesmo:

— Mudei de idéa. Felicidades!

Era o maior tributo que podia pagar ao intenso amor que votava áquela mulher. Era o seu sacrificio maior, em toda sua vida, pois agora, mais do que nunca, é que comprehendia o quanto e como amava aquella creatura. Queria-lhe dar tudo quanto fosse possivel, no mundo, mas não lhe podia dar nada. Era aquillo que engasgava todos os seus planos de futuro...

O tubo de pasta tombou dos seus dedos frios para o chão. Desejou, intimamente, que conseguisse deixar aquelle camarim e aquelle "café", mesmo, antes que se tornasse a avistar com ella e todos seus planos falhassem em segurança. Se elle a tornasse a encontrar, naquella noite, sabia que não resistiria á paixão que os devorava. Precisava voltar rapidamente para o acampamento, para Cesar e para a bala que elle com certeza ainda reservava para as suas costas, a primeira occasião que o pilhasse a geito. Mas se Cesar falhasse, os **Riffs** salvariam a situação do seu espirito aborrecido, entediado de tudo e da vida, principalmente... Da ultima vez, apenas uma pequena duzia voltara. Elle não queria voltar!

Em segundos elle alcançava a rua. Emquanto não attingiu o seu quarto, no forte, não descançou. Atirou-se á esteira e enfiou o rosto entre as mãos crispadas e abertas. A sua maior luta ainda não tinha chegado...

—

Amy vendeu todas as maçãs que tinha em sua cesta. Nem mesmo na noite passada ella tinha conseguido aquelle successo tremendo. Animava-a, naquillo, o fogo de paixão intensa que a vinha devorando desde que deixára o camarim. Todo seu coração estava no seu trabalho, pela primeira vez. O seu successo não conheceu precedentes, ali. Rapida, assim que terminou o numero, voltou para seu camarim, numa ansia louca. Deu rapidamente a Lo Tinto o dinheiro todo que collecciońara. Lembrou-se de lhe pedir os dez por cento ali mesmo, para qualquer ajutorio eventual que ambos precisassem, na fuga, mas resolveu deixar para um pouco mais tarde. O principal estava feito e Lo Tinto estorcia-se de satisfação. Antes de abrir a porta, ella parou alguns segundos. Arrumou os cabellos, arranjou o corpo todo. Entrou, depois, intempestivamente.

Estava vasio...

— Tom!

Gritou ella. Seu pensamento hesitava. Dirigiu-se ao guarda-roupa. Nada. Depois procurou, afflicta, já, pela salinha toda. Pensou, mais alegre, que elle talvez tivesse ido comprar cigarros. Ella é que precisava apromptar-se com a maior rapidez

(Continúa no proximo numero).

Canção cigana...

(CONTINUAÇÃO)

"Mulher..." sua actual producção. Ouvimol-a em palestra, e ahi vae o resultado de nossa conversa com a interessante Ruth.

Falámos primeiramente sobre sua viagem, e ella assim se expressou:

— "Estive em Varsovia, minha terra, da qual sentia immensa saudade. Em Paris, Berlim, Vienna, Badapest. Vienna, é a cidade da Europa quee mais adoro! Mas a saudade que senti pelo meu querido Brasil, foi mais forte que a attração que sinto pela metropole da musica, por isto eis-me de volta!"

— "Alguma cousa interessante da viagem?" Ouçam: Em Varsovia e Berlim, pessoas amigas insistiram muito para que ficasse no Cinema allemão, e no polaco. Em Berlim, mesmo, queriam um "test" meu... Mas eu não quiz. Adoro tanto o Cinema Brasileiro, que não o trocaria por nenhum outro!"

— Nem por Hollwood? suggerimos...

— Nem por Hollywood... porque sei que nunca alcançarei Hollywood. Mas já sonhei com elle, sim. Antes de entrar para o Cinema Brasileiro, em S. Paulo. E as opiniões de pessoas entendidas, eram bastante animadoras para mim. Interessante é que Hollywood, o ruir dos sonhos de muita gente, foi uma de minhas unicas illusões que não se desfizeram... Não conheço a metropole do film..."

Voltando a falar sobre a Polonia: — "Sabem que o Cinema na Polonia está bastante desenvolvido, com varios studios e bons artistas? Assim como a Russia, um dos Cinemas mais desenvolvidos da Europa, presentemente. A França tambem está produzindo muitissimo. Allemanha idem...

As noites de Vienna e Budapest, o conhecimento em Varsovia com Briggite Helm, Ivan Mojuskine e outros artistas, e a alegria da volta ao Brasil, foram outras sensações da viagem..." terminou Ruth. Entrámos, ahi, então, com a serie de perguntas indiscretas.... Eis as respostas tristes da triste Ruth: — "Tenho tido diversas emoções em minha vida. A maior parte dellas dolorosas, é verdade...

Nunca tive alegrias em minha vida. Só tristezas, desgostos e desillusões as mais amargas...

Felicidade? Conheço-lhe o nome. Ha annos nos tempos do collegio na Polonia longinqua, conheci sua sombra. Mas a vida chegou para afugental-a... Seu rosto creio que nunca conhecerei...

Vida? Amiga hypocrita que tem sempre uma nova illusão para apresentar-me. Mas que na verdade só me dá amarguras...

Amor?... Não creio nelle. Já amei uma vez na vida e bastou. Amor... um conto bonito e muito bem relatado. Acreditei nelle e tive uma grande illusão... Nunca mais!

E nesse assumpto, Ruth tem idéas um pouco ardentes, de "Mulher singular..." Diz ella:

— "Tambem não creio no casamento. Outra historia bem contada. Na realidade, porém... nem é bom falar! E os homens então, outra mentira. Falsos e hypocritas, cujo natural é fingir..."

— Se não acredito no amor, no casamento, e nos homens, a culpa não é minha, mas sim delles, e da vida, que feriram-me tão rude e violentamente, desilludindo-me... Não creio, não posso crer... Mas gostaria de não ser assim. Talvez mais tarde mude. A saudade é irmã da esperança, dizem, e a esperança pode tanto..."

— E sente saudades deste passado? arriscámos

E ella rispida:

— "Sinto saudades, sim, de minha infancia, de minha patria, dos meus... Os brasileiros crearam a palavra mais linda do mundo: saudade!... Tão formosa exprimindo bem este sentimento suave da alma da gente...

Bem sabemos do que Ruth sente saudades. Toda ella, porém, é uma saudade que a gente quer sentir. E saudade é ainda, a gente vê, o ar de sua alma...

Ruth que gosta do outomno, é romantica, aprecia as noites formosas, o crepusculo e tudo que é triste, gosta tambem de sonhar. Apesar de ferida pela vida, guarda ainda algumas illusões, e... sonha!

— "Não creio que os sonhos se realizem. Mas a realidade é dura demais, e preciso muito do lenitivo que os sonhos me trazem..."

— Sinceridade é a qualidade que mais aprecio numa pessoa, principalmente numa mulher. Mas a vida nos obriga a fingir tanto... tanto! Quantas vezes não sou obrigada a rir, quando o meu coração chora? Os homens são obrigados a fingir mais, é verdade, mas sabem fingir bem!..."

— "Meu passado?... O passado só tem-me dado lagrimas amargas... Minha vida é mesmo um romance. Varias vezes tentei escrevel-a, mas desisti. Falta-me a paciencia para tal, e tambem seria necessario tocar em recordações que não quero fazer reviver... O futuro? Espero que me dê um pouquinho de paz de espirito e felicidade tambem..."

E atirando fóra o cigarro ainda acceso, como um adeus ao passado e ao assumpto, Ruth silenciou. E abandonou as mãos magras, morenas, sobre a mesa, como duas aves machucadas.

Comprehendemos que feriramos sua alma, e terminámos a serie de perguntas "perigosas", que ella respondeu-nos assim com bastante reticencias e "spleen", rosto triste, expressivo como um detalhe silencioso, olhos mais tristes ainda.

Iniciámos a classica serie de perguntas sobre suas predilecções.

— "Do que menos gosto? Fazer scenas de beijos, por exemplo. E' tão desagradavel... Não gosto de galanteios superficiaes, de madrigaes, nem de "flirt". Não gosto de sports, salvo do golfinho que jogo como passatempo. Não tenho grande queda pela dansa... E detesto a falsidade e a vaidade".

Ruth Gentil não crê muito na amisade. Acha as mulheres mais sinceras para amigas, do que os homens. Sua flor predilecta é o chrysantemo. Sua cor favorita é a preta.

— "Mas nos olhos de uma pessoa, prefiro as cores claras. Acho que são mais sinceras do que a franqueza brutal das cores escuras..."

Seu perfume predilecto é Chanel 5. Mas nós achamos que o perfume de saudade que seus olhos emanam é muito mais inebriante do que a fino Chanel que usa...

Ruth Gentil, veste-se primorosamente. Em "Mulher. ." usará modelos cheios de elegancia e belleza, que augmentarão a seducção do seu "charme" balzaqueano... E sua opinião é esta: — "Não gosto de acompanhar a moda, que é mais voluvel do que o destino... Aprecio muito as "toilettes" simples e sem adornos berrantes".

— Do que mais gosto? Em primeiro logar de viagens. Depois de Cinema e de musica. Adoro em geral todas as artes. Acho que são um consolo, uma resurreição para uma alma vencida...

Gosto de cantar. Gosto de ler. E na literatura brasileira apreciei immenso Graça Aranha. Admiro os romances fortes e dramaticos".

Ella parou um pouco. E permittam-nos um aparte, já que ella referiu-se á literatura. Ruth lembra uma pagina de João Grave, pelo todo melancolico de sua figura...

— "Gosto da pintura. Sou louca por banhos de mar, e adoro Copacabana! Assim como todo o Rio de Janeiro, a cidade mais linda do mundo! Gosto tanto della quanto de Vienna".

Ruth tem recebido innumeras cartas de "fans", do Rio, S. Paulo e Rio Grande.

— "Muito enthusiasmadas e ardorosas", disse-nos ella.

Tem paixão por CINEARTE, que lê todas as semanas. Acha que é quem cuida verdadeiramente da publicidade do Cinema Brasileiro, e quem mais o estimula.

Falando nas suas tres grandes loucuras, viagens, musica e Cinema:

— "Devo ter sangue cigano nas veias, por adorar tanto assim as viagens! E' o que mais gosto na vida!... E' a unica felicidade que conheço, a que me proporciona as viagens. Meu maior desejo mesmo é ter o dinheiro bastante para que possa viajar sempre e conhecer o mundo todo. Se bem que tambem desejo esquecer minha tristeza, e muitas outras cousas..."

— Adoro a musica. Sou mesmo, de uma familia de musicos, e meu irmão é hoje um conhecido violinista em Varsovia. Eu toco piano, tambem, mas estou muito esquecida... Mas voltando á musica, os classicos têm minha admiração especial. Chopin, Schumann principalmente, são meus favoritos. Aprecio immensamente ainda a musica viennense. Ultimamente quando estive em Vienna, conheci uma, "O pequeno hotel de Vienna", e não sei como uma musica pode conter tanta tristeza, tanta emoção e tanta belleza assim! Gosto de tangos, e acho a musica brasileira bastante interessante".

Ruth Gentil é louca por Cinema. Desde 12 annos é "fan", e recorda-se ainda que o primeiro film que assistiu, chamava-se "Myterio da Gare", e a estrella do mesmo Pola Negri. Aliás conheci pessoalmente Pola, quando residiu em Berlim, antes da conhecida estrella polaca tornar-se famosa e ir para Hollywood. Em Berlim mesmo, Ruth estreou no Cinema, figurando num film que ahi faziam. Sempre sonhou pertencer ao Cinema, mas em sua terra, Polonia, esta era uma carreira pouco considerada, por isto seus paes não consentiam que Ruth apparecesse em films.

(Continúa no proximo numero)

AS RUGAS

(Parodia a "As pombas" de Raymundo Corrêa)

Surge a primeira ruga sem piedade,
Surge outra mais... mais outra... emfim dezenas
De rugas surgem numa face, — apenas
Foge tristonha, a nossa mocidade...

E á noite, quando temos a liberdade
De passear, — as rugas, sempre amenas,
Em nossa face, como as açucenas,
Reflectem já dizendo a nossa edade...

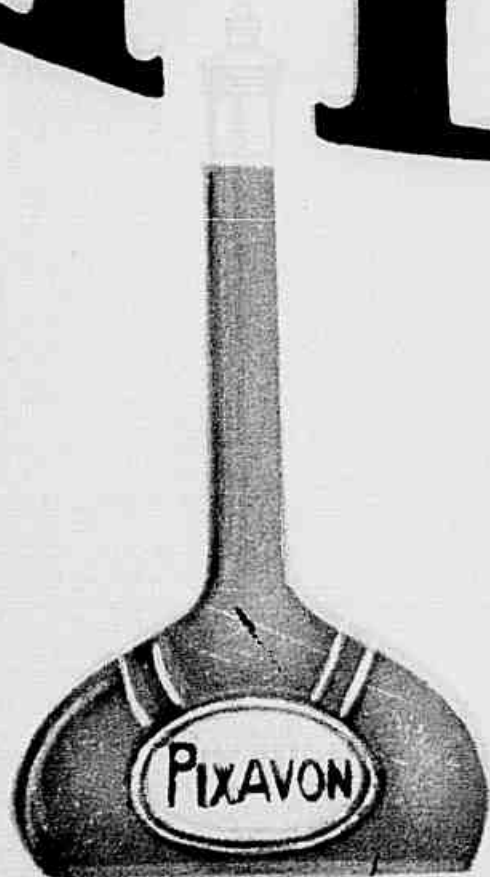
Tambem de nosso cerebro, aos punhados,
Vão sahindo remedios planejados
Para acabarem rugas, e jamais

Conseguem; voltam pois, logo soltam.
Mas, com outro remedio as rugas voltam;
Com o RUGOL não voltam nunca mais.

PAGLIACCI (Audio Cinema) — Primeira opera toda transportada para o Cinema falado. Borracheira da peor especie e cousa que até as prateleiras da fabrica productora deviam ter vexame de guardar... O elenco é da San Carlo Grand Opera C°., mas não se deixem **tapear** pelo nome e fiquem socegados ouvindo o radio em casa. Esta opera de Leoncavallo é um boa pinoia.

✣ ✣ ✣

Carlito, o unico que não fala, vae dirigir um film falado, não figurando nelle, todavia. A certeza que temos de que será o melhor film falado, não merece duvidas. Georgia Hale, antiga companheira sua, em **Em busca de Ouro**, será a heroina desse seu trabalho. O film será da United Artists.

ROBERTA GALE
CINEARTE

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON